

FOLHETIM
ORIGINAL DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO.

A CARAPUÇA DE MEU TIO
ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

por
YOUNALE.

DEDICATORIA.

Ao Sr. A. C. P. B. — Poese. — Pernambuco, 25 de dezembro de 1861. — Meu querido irmão. — Desajando, se der-lhe as boas festas, mandar-lhe alguma coizinha de presente, offereço-lhe a dedicatória do escripto junto, que principiei a fazer ha cousa de dois mezes. Tive á principio vontade de dedicar-lhe um objecto mais sério e con-digno, um romance intitulado *Palmyra*, que em-preendi fazer ha tempos, e que se acha parado ha mais de um anno; porém, posto conta elle já uns cinco ou seis capitulos promptos, eu confes-so-me agora um pouco preguiçoso á seu respec-to. Quando, pois, teria eu o prazer de offerecer-lhe; mormente precisando de tempo e de bastante pensar?... Envio-lhe este. Despois V. a crendice e o pouco merito do trabalho: é ape-nas um ensaio e deve-me ser perdoado. Eu es-tou tão conscio das suas imperfeições, que se per-ventura o publicar, fa-lo-hei sob um nome de

guerra—Younale—e lacogallo aguardarei o re-sultado. Se for bom, continuarei; se for máo, procurarei corrigir-me. Adeus, possa esta encon-trar-lhe bom e aos seus queridos doentes. Aceito um apertado abraço do seu irmão, etc.

I
Era pelos dias de 1838; eu tinha então os meus vinte e dois annos, e diziam que não era feio rapaz.

Assistia com meu tio em um dos mais pitto-rescos arrabaldes desta cidade; lá n'um lugarejo junto ao Monteiro.

A nossa casinha, branca como um leão de ne-ve, com a sua porta e janellas pintadas de um bello verde gaio, destacava-se, flanqueada por dois pequenos terraços, de um fundo verde-oe-curo, formado pela ramagem das arvores que lhe ficavam por detrás.

Os jasmimetros, trepadeiras e uma outra infini-dade de plantas, cresciam junto aos terraços e subiam a enlaçar-se pelas balaustras e portões das janellas que lhe ficavam contiguas.

Eramos pobres, mas felizes então; e ao meio dessas flores vivazes, ao centro desses aromas deliciosos, que se espalhavam constantemente pela atmosphera, nós nos julgavamos mais ven-turosos do que os grandes do mundo em os seus ostentuosos palacios.

Ao pôr do sol, e quando as trevas da noite principiam a sombrear a terra, ia-me eu sen-tar no terraço e ali me punha a lagarellar com meu tio.

Ors, este meu tio era um verdadeiro philoso-pho. Tendo sido primeiramente capitão de mi-

licias, depois de haver-se achado em diversos re-contros e ter viajado por quasi todo o imperio, comprometido pela revolução de 1817, vir-a-se obrigado a fugir para os Estados- Unidos, e d'alli, fazendo-se embarcadizo, fôra á França, Hespa-nha e Portugal.... e Deus sabe mais soude.

II
Era um patenco e satyrico velhinho de seus cincoenta annos, de rosto alegre e faces rubicu-das; baixa, grego e conservando ainda todo o vigor da sua mocidade.

Das suas innumeradas viagens e vida aventurei-ra, trouxera bastantes conhecimentos e adquirira esse tacto e experiencia do mundo, essa boa dó-se de philosophismo, que nos faz encarar as cou-sas como na realidade são e não através de prie-mos enganadores.

Astuto e um pouco sarcástico, era comtudo meu tio um perfeito bonachão. Gostava muito de di-vertir-se á custa dos tolos e espiritos fracos; mas fazia-o de tal modo e com tão boas manei-ras, que os escarnecidos, quando não lateira-mente estupidos, eram os primeiros a rirem-se e applaudirem-o.

Havia mais de nove annos, que meu tio me trouxera para junto de si. Orphão desde mui toara idade, não possuindo algum outro parente, e levado, além disso, pelo reconhecimento da cor-dealheza e amor com que sempre me tratára, eu lhe consagrava a mais profunda e sincera ami-zade.

Infelixivel, quando se tornava necessario, pe-rém justo, elle sabia alliar a severidade com a doçura; e nunca de seus labios sahia uma repre-

henção, que não fizesse chvergonhar o culpado e arrepender-se da falta commetida.

Pobre tio! Ilhoje, quasi no extremo da vida, eu me recordo com saudades do tempo em que vivia junto de ti; e lamento.... o maldito o destino, que me roubou para sempre o meu unico amigo!..

Lembro-me ainda do modo porque me corri-gio, em uma das minhas travessuras.

III
Nós occupavamos o segundo andar de uma ca-sa na rua do Quelmade.

Eu orçava pelos meus quinze annos e travára amizade intima com dois dos meus condiscipu-los, que contavam a mesma idade, pouco mais ou menos.

O mais talude era um rapaz afragatado, caço-a-dor e enlebrado, de nome Jorge.

O outro, que se chamava Francisco, ou antes Xico, segundo a moda da terra, como muito bom dizia as vezes Jorge, era:

Um pouco frechalhão
De memoria e coração.

Um collegio de meninas occupava ambos os andares da casa immediata; e nós, como estu-dantes de latim e traductores das eglogas de Vir-gilio, nelle resolvemos tomar as nossas *Amaryllis* e *Tyrsis*.

Reunimo-nos para esse fim todas as noites á janella, para vermos as meninas que tomavam lrezo nas varandas do primeiro andar.

Jorge era muito caçador, e eu muito pouco paciente, para alli permanecermos longo tempo, sem commettermos algumas travessuras.

Retiravamo-nos, pois, e deixavamos Xico so-tinho, para o vermos desenvolver-se, diziamos maliciosamente, pondo-nos á espreita em outra janella afastada.

O nosso amigo, assim que se julgava inteira-mente desembaraçado, principiava a fazer bolli-nhas de papel de embrulho e a sacudi-las para o primeiro andar, sobre a dama dos seus pensa-mentos.

Ergulam as meninas a cabeça e elle immidia-tamente fugia; mas depois, quando pouco á pou-ca e á varrella tornava a apparecer e se promp-tificava outra vez a balen-las, começavamos nós a berrar, apontando-o com o dedo:

Oia, elle! oia, elle! oia, Xico! Xico nico!

Vendo-se assim apinhado, voltava-se Xico pa-ra baixo e abanando interrogativamente a cabeça, á maneira de um macaco que repete a lição, ex-clamava muito alforçorado:

— Então, hein! gostou? hein! gostou?

Estrondosos e infantis risadas, acolhiem esta pergunta; risadas algumas vezes interrompidas pelo afanilado e ferrugento nariz da mestra, que apparecia de repente a gritar contra nós, e mon-dava retirar as meninas.

Um dia, dia celebre nos annos da nossa Ody-sse juvenil, reunimo-nos em sessão magna na ca-sa de Jorge.

Este, que era sempre o orador em casos idé-n-ticos, disse que os nossos amores eram sem sabe-rões, eram amores de agua doce; que era preciso mudar de rumo e não permanecermos sempre namora-parados; para o que elle nos propunha, que cada um de nós fizesse a sua *Dulcinéa*.

— Approvado plenamente; excepto que, disse eu, não sabemos como o havemos de fazer.

— Meus amigos, tudo se fará havendo boa von-tade: quem quer, pôde.

— Como?

— Eaculem! Xico nos fornecerá o dinheiro necessario para as despesas de casa, comida, etc., etc. Quanto tempo, Xico?

— Eu?!.... oh! eu agora estou rico! meu pai deu-me muito dinheiro. Está tudo aqui; arreastou elle batendo orgulhosamente nos bol-sos da calça.

— Bom! dez tostões!.... não faz mal; ainda que essa sedula já esteja bastante salada e fejo-rosita. Dá cá!

— Mas....

— Silencio! ainda não acabei. Julio, que mo-ra ao pé, nos dará meios de entrar na casa, e eu encaminharei o negocio, defendendo-o contra quem apparecer.

— Avisto! e com que nos defenderás tu? se-rá com o velho espedalho de teu avô?!

— E então?! julgo té que com este, disse el-le desencantando d'entre as ferros velhas um curvo e ferrugento espadão de tempo dos Affon-sinos e brandindo-o magnificamente, algum se atreverá a atacar-me?

(Continuar-se-ha.)

FOLHETIM
ORIGINAL DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO.

A CARAPUÇA DE MEU TIO
ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

por
YOUNALE.

(Continuação de n. 5.)

— Não, que me parece um mata-moedas. Mas diga-me cá: como queres lá entrar na casa, tendo as muralhas tão altas?

— Ora! saltava-se pela janela.

— Obrigado!

— Ou então.... arranja-se uma escada... uma escada de cordas; é muito bonito: há de ser como nas novelas que tenho lido.

— Se é só isso?!....

— Bem! está convencido?

— Aproveitado e torção a aproveitar.

— Então, viva o amor e vamos-nos divertir!... Ah! lá passas uma noite de rebuçados! Eh! lá!... oh!.... oh! lá!

— Mas....

— Então, que tomas com tantos mas?

— Mas, tu vás gastar os meus dez tostões! disse Xico, já com cara de chéu.

— Pois! tomo pena do semelhante mulambo sobento?! deixa-te de apertar e trata de arranjar outro; pois sabe que com dez tostões não se fazem moços bonitos.

— Nem também com dois mil réis; retribui eu.

— Não importa; o caso é que elle se vá, ficando.

III

Pensei que eu não fosse tão tolo como o meu amigo Xico, estava contado um pouco de bô-lô, como também o estava o proprio Jorge; embora tornassemos o meu companheiro quasi sempre victima das nossas diabruras e o caçoassemos constantemente.

Tratei, pois, de fazer uma escada; porque assim tínhamos convencido, e assim era necessario faz-lo ver á Xico.

Tínham-me os meus collegas na conta de habilidoso e lavandoeiro, e como tal fui nomeado chefe da empreza; porriado-me Jorge de guarda-costas e Xico de thesoureiro.

Por isso, comprei uma porção de cordas e barbante, e, ajudado por meus companheiros, metti mãos á obra.

No entretanto, sob pretexto de festejarmos a nossa futura luctividade, chamamos forteando de gozinhos á custa do pobre Xico.

Eram doces e rebuçados; latias cobertas e pão de ló; pitombas, relêdes, e outras muitas coisas de que já me não lembra os nomes. Então, não passava negro quilometro, de qual não quizermos visitar o taboleiro.

Recordo-me ainda de uma grande fariadela, que tomamos, de ameizos e peras secas, que, dizendo-lhe correm para a sua namorada, o obrigamos a pagar.

O infeliz Xico desolava-se, queixando-se de que não lhe gastassemos todo o dinheiro, e que depois não teria com que occorrer á manutenção das nossas amonias.

Consolavamo-lo, fazendo-o saltitar as cordas e fazer o barbaente.

Então, depois de quinze dias de muito lidar e muito caçoar, ficou a obra pronta.

Nunca grumete ou marinheiro algum empresta mais amor e consolação ao descompenho da

oua torção, do que não na consolação da tal escada.

Tinha ella dezoito varas de comprimento, com vinte e tres degraus, perfeitamente ligados e alcatroados, apresentando a maior solidez e elegancia.

Na realidade, olavamos ufanos e orgulhosos do nosso trabalho; e, ao retirarmos na Hespanha, sorrimos ao não me deixas das senhoritas e a inveja dos caballeros petit-maitres.

Infelizmente para os nossos planos de quizotismo e sedução, alguém, que nos espreitava, tudo deitou a perder, divulgando o negocio.

Uma manhã, quando lá pela volta das onze eu me achava mais embobido na composição do enlaidenho thesouro latinas, vejo entrar pela porta á dentro o senhor meu tio.

Augurei mal do negocio pelo seu olhar carregado e sobranceiras frantidas.

— Levante-se; disse-me elle ao entrar.

Levantei-me.

— Levante aquella coberta; e apontava para a minha modesta cama de vento.

Fiquei um pouco descomulgado; mas, cobrando animo, fui mais lampreito levantar a coberta indicada.

— Bem! agora, peche aquella habá!

Um desagradavel arripio percorreu-me todo o corpo e as pernas começaram-me a tremer.

Mão, o peior foi quando, depois de puchado o habá, appareceu um pequeno suspetto, que meu tio ordenou-me logo de lhe entregar.

Contrangia-se-me o coração, e senti vergarem-se-me os joelhos; mas não tive remedio: obedei.

— Então! disse-me meu tio, olhando-me severamente, depois de ter descorado, e contado com a mais admiravel puchorra os vinte e tres

degraus da escada; então! tomas aqui ostedes?!....

Não respondi: tinha emmedecido.

— Para que esta escada? vossa mercê vai alcatrar alguma fortaleza?!
O mesmo silencio.

— Não me responde?! para que faz isto?

— Foi... era....; balbuciou ainda com muito custo.

— Era para alguma tolice das suas. Não sabe que se torna ridiculo, não ter juizo na sua idade?!
— Meu tio!.... exclamei supplicante.

— Qual tio, nem mole tio! não sou tio de meninos que fazem escadas de cordas; não gosto de rapazes que tem disposições para hombridades; entendem?

E retirou-se, levando a maldade escada.

Soube depois, que elle a mostrára á alguns amigos e gabára a boa disposição, que eu tinha, para vir a ser um excellento marítimo.

Anos ficaram interrompidos os nossos amores; pelo menos os meus, que desde esse dia me appliquei mais activamente ao estudo, com medo de desagostar á meu tio.

Dois ou tres semanas depois, ria-me á não poder mais e caçoava descepiadamente de Xico, que, lavado em lagrimas e com muitas carotinhas, contava á suas irmãs a partida da sua dama para o Maranhão, e lamentava o seu disbeiro perdido.

IV

Anistiavamos, pois, em uma liada cozinha, junto ao Montão.

Quasi todas as tardes se acendiam, quando não eram distribuidos por algum passageiro em reunião em casa de alguma familia conhecida, juntava-

me-nos no terraço a palestrar com elle á dez vizinhos nossos.

Entre elles figuravam um major reformado, um empregado publico e um moleto senhor de engenho e commendador.

O restante compunha-se de amigos de meu tio, velhos gistas e divertidos, e de alguns rapazes meus conhecidos.

O major, homem magro e boizinho, parecia quasi um moleto. Trajava usualmente bonete e sobrecasaca de paño azul ferrete, completamente abotoada de alto á baixo por grandes botões emaralhões; muito justa no corpo e muito apertada nos mangos. As pernas denunciavam-lhe constantemente dentro de umas largas calças de bombazine preto e, sobre um nariz abobacado, trazia um par de congilhas de côr.

Muitas vezes, ao encerrar com os seus olhos ascorelados, julguei eu que este homem era filho de algum sapoteiro; e, quando me deixava encostar na contemplação das enormes orelhas, que lhe ornavam embos os lados da cara, perguntava á mim mesmo, se não teria elle algum parentesco com o burro de Zappo, ou se não seria acaso o rei Midas, disfarçado em major.

Era um velho solitário, mas muito baboso e amante de bello sexo. Chamava-se Morales.

O empregado publico, o Sr. Zumbi, como costumavam chamar, era um sujeito extremamente alto e magro, cujos ossos pareciam querer fôr-lo a pellos. Apresentava-se constantemente de preto; calça, collaria, casaca ou paletot... chapéu, tudo era preto e tudo muito justo e muito apertado no corpo; deixando entretanto á mostra duas solivais loacas, calçadas de grossos sapatos de couro do porco, de solta debranda.

Parecia-se bem com um controlador de carros faneiros, e mesmo pela polidra do rosto escudo

e descomado, assemelhava-se mais á um morto descomado.

Era casado com uma mulher, que não lhe cedia a palma em altura e magreza; a senhora Petronilla, á quem os nossos jenetos da época si-cunham de Venus do cemiterio.

Empregado aposentado do real erario, onde o seu nariz agudo e apagaçado e as suas unhas aduncas e duras, se tinham habituado a fôrrejar e empelmar as luzentes lousas; mcrava com a sua chana metade algumas passas distantes da casa do meu tio.

No essencial, tanto elle como o major eram boas pessoas, e ás vezes mesmo bem divertidos.

Quanto ao senhor de engenho, merecia um artigo em separado.

Talvez, aquellos que leão lerem, achem mes-sentos semelhantes descrições. Mas, que queres? Valhe antes do tempo e descomado da vida, apraz-me passar em resenha as lilebras da minha mocidade. Deante o acoburnhado pelo desgosto de ver os meus mesmos lilebras perdidos, procuro distrahir-me, plotando as figuras e costumes de alguns daquelles que conheci, no tempo em que me reputava feliz.

Lá virá um dia em que, esses que me lecreporem, conhecerão também a doce e vaga consolação, que existe em se fallar do passado; quando esse passado, livro de crimes, afira-se apenas na poeira innocente ou n'uma mocidade credula, ardente e apolisonada.

e Os homens, diz um sábio escriptor, contem o que foram; os velhos, o que foram; e os moços, o que pretendem fazer.

O que se hoje hoje, vê o futuro, talvez, algum dia.
(Continuação de n. 6.)

A CARAPUÇA DE MEU TIO

OU

RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

POR

YOUNALE.

(Continuação de n. 11.)

V

O commentador Feliciano Afortunado de Maia, senhor do engenho Terry-Appé, na comarca de Villa-Bella, e capitão-mór por graça de Deus e de S. M. el-rei D. João VI; vivia ordinariamente no seu engenho, vindo de vez em quando passar um anno ou outro na cidade do Recife, onde possuía diversas moradas; sendo uma das mais uma bella propriedade situada no lugar da Casa Forte, onde gostava muito de assistir.

O Sr. Feliciano Afortunado, gordo e bojeado como um frade, possuía um pouco de ignorância e veiahecia inherentes á esses filhos do ocio e da preguiça.

De carão acobreado, olhos pequenissimos e nariz bastante deprimido, que, de entorpecido, parecia esconder-se entre as enormes augeas hirtas e rufas, que lhe ornavam as faces; cabellera á sargenta e uma queixada semelhante á quella com que Sansão matára os mil Philisteus; digam-nos cá, que o Sr. Afortunado não era um bello e perfeito Adonis, capaz de fazer arrotar bojeiros á tudo e genero mulheril!!...

O seu gosto, pelo vestir, era tão original como a sua pessoa.

Patelal-sach de casemira alvada, com gola de velludo verde-pinhão e botões cor de café; calça de ganga amarela e colleta de velludillo de grandes xadrezes encarnados e pretos, sobre o qual se desenhava uma coroa de ouro, de ditas tão grossas como castanhas de café, toda cheia de perendengues e bugiarias; chapéu de palha de Chyll de abas de mais do palmo de largura; tal era o vestuário do campo do Sr. capitão-mór, bem entendido, no Recife; pois que na sua sear, ditzam: andava de camba e coreuila á mata peras.

O Sr. Feliciano era viúvo; mas levava, mul-

te tempo mesmo antes do fallecimento de sua mulher, uma existêcia toda de voluptuosidades; vivendo como um velho e libidinoso sultão, nos braços das suas odaliscas, que lhe eram as escravas de todas as edades e côres, que elle recebia indolentemente em seu leito.

No seu modo de vida, arranjava-se de maneira tal, que nunca o prazer lhe faltasse e estivesse sempre debaixo de mão. No Recife, a sultana favorita era uma parda, que elle tratava mesmo nas barbas da senhora; no engenho, porém, era uma gorda e alestada rapariga da costa d'Africa, que, como a mais querida, lhe governava o vasto e bem fornido serrallho.

A estupidez desse homem tornára-se proverbial, e se não fosse um sobrinho, que lhe administrava o engenho, talvez não tivesse elle uma tão boa fortuna, como a que possuía.

No época em que fôra agraciado com a commenda, de que tanto se ufanava, muitos se riam á custa do pobre Afortunado; e tal foi o caso que mereceu ser registado.

Esperou-se a noticia de que elle fôra contemplado em uma enxada de titulos e commendas; um amigo que desejava livra-lo, compra um cracha e manda-lhe.

Ora, o nosso capitão-mór, que recebera da côrte presente igual, achou-se muito embaraçado; não sabendo como se arranjaria com as suas duas commendas.

Foi-se ter com o seu compadre sortantejo, que sempre o acompanhava nas suas viagens ao Recife.

— Ah! só compadre Mand Xico, sabe você qu'etras munto atrapalado? exclamou elle logo ao avista-lo.

— Pro que home? perguntou-lhe o compadre admirado.

— Eu já sou cumendado.

— Pro m'd diav, só compadre?!

— Que! R' pro que o primo Zé Maria, que foi pro Rio e outro dia, me mandou uma cumenda e o Janjão do Cantu Alegre, me mandou outra que comprô.

— I-so é qu'd d'amigo, só compadre. Tem você-mad duas cumendas, pô uma em rida e outra em baixo.

— Mas, só Mand, se todas duas são da mesma orde?

— Anão, non sei. Pergunte o só compadre é capitão.

O capitão era meu tio, que, depois de ter recebido o novo commendador, disse-lhe:

— Estão, o Sr. Afortunado recebeu duas commendas?!

— Uma do primo Zé Maria e outra do só Janjão do Cantu Alegre.

— E não atine com o que é?

— Como na fina?!

— Pergunte se não adevinha para o que é?

— Lá isso non.

— Pois, Sr. Simplissimo...

— Feliciano, só capitão!

— Pois, Sr. Feliciano, uma commenda é para o senhor commendador, e a outra para sua mulher, a senhora commendadora.

— Sério?!

— Serriamente; é como se faz.

— Bom! e o compadre Mand Xico, que disto se não lembrou?

— Nam pe-lia-se lembrar, pois não é commendador. Esta hura só cabe aos homens eminecitos, como o Sr. Afortunado.

No domingo seguinte, á hora da missa, dirigia-se o nosso homem á matriz de Santo Antonio; conduzindo orgulhosamente pelo braço a sua Eza, pobre filha dos matos, egual em capitulo ao marido. Cava um delles lavra, dependurado ao pescoço por uma fita encarnada, de largura descommunal, um dos fellidos crachas; parecendo-se altivamente pelo meio da praça, sem grande opprobrio de multidão.

Tacs eram os frequentadores habituaes da nossa pobre casa.

VI

— Pois, senhores, dizia o Dr. Moura, homem chão e honrado, e um dos amigos velhos de meu tio; tal é a minha opinão. Não podemos argir uma coisa evidente por si mesma; um axioma, como dizia o meu defuncto professor de metaphisica; e que sentimos pulsar em nossos corações, mas não grade a nós.

— Mas... nesse caso, redarguiu um dos circumstantes; é tachar-nos á todos de invejosos, o que é bem duro e difficil de dignir.

— A inveja é um sentimento domesticadamente baixo e vil, Sr. Felipe; e é preciso que um homem se despreze bastante, para confessar-se domesticadamente invejoso.

— Mas, esse peizão, no meu entender, não é mais do que o egotismo levado ao ultimo grão.

— É verdade; concordo. Todavia, nem todos os homens são invejosos, como o senhor mesmo acaba de o dizer. O egotismo é innate no genero humano; elle o domina em maior ou menor grão: eis a differença. O nosso primado mori-

mento, pois, é de desprazer; embora esse movimento dure menos do que um segundo.

Tratava-se de uma questão de metaphisica. A discussão tinha estado animada; mas insensivelmente afrouzara-se e tornára-se mais material.

Pasou-se a fallar da mulher, thema vasto e inesgotavel, sobre o qual sempre se terá que dizer.

Reunidas no terraço umas quatorze ou quinze pessoas, conversavamos alegremente no meio de densas nuvens de fumo, que, em caprichosas espiraes, se elevavam dos nossos charutos; os quaes se acoemelhavam á outros tantos fogachos, brilhando na obscuridade da noite.

Meu tio, sentado em uma grande cadeira de braços e tendo ao pé de si uma enorme chieira de café preto, fumava n'um bello tsibak, que trouzera em suas peregrinações.

As mulheres, ordinariamente, disseram o senhor Felipe; não mais lateis quando se trata dos sentimentos do coração. Deixam o real e duravel pelo ficticio e momentaneo e julgam-se felizes; só reconhecem o seu erro, quando a desgraça as vem desenganar.

O que é verdade, é que um exterior brilhante e alegre depressa se domina; gentem que se dividiram e uma paixão séria e reflectida muito pouco se seduz.

— Isso é mais que verdade, e eu que o diga. Nunca me pôde gabar de Lovelace e para agradecer á minha lei-me preciso suar sangue e agua.

— Ah! senhor Zumbá; com esse rosto triste e esse traje agourento todas ellas lhe haviam de fazer cruzes.

— Por que?

— Por que poderiam talvez toma-lo por algum papa-dolento ou covete de anno bissexto.

— Ah! ah! ah! bravo, capitão!

— Quanto á mim, digo outra coisa. Pôco gabar-me de ter feito andar muitas cabecinhas á roda.

— Deveras, major?

— E' como digo, respondeu o senhor Moraes; querendo em honra da hierarchia militar, levar sempre a dianteira ao capitão. Tinha eu apenas nove annos e já todas as mulheres morriam por mim; ora os seus quindins e não me deixam.

— E já, desde esse tempo, o senhor se ins-troia com as suas companhas e batalhas?!

— Ah! ah! ah!

— Bom! os senhores caçam?!

— Mas, olhe lá, major; tudo isso é bem pro-maturo!

— By-Good! exclamou meu tio; tomando uns ares extremamente britannicos. Não o duridom; as mulheres são futeis e mais que futeis; e major acaba de dar O seu apoteo.

— Futar ou não, disse então o senhor commendador Feliciano; eu gosto bem de todas ellas e todas ellas me querem bem. Não é assim, só compadre?

— Já é home gosto mais do seu cavallo, que sua mulher, que é muito languurada.

Uma risada geral acollheu esta ingenua confissão.

— Bem se vê, que o senhor commendador é amante do bello sexo; veja, porém, o que diz o senhor seu compadre.

— Ora! o só compadre Mand Xico non sabe o qu'd bem.

— Sô! I preferir o cavallo á mulher! isto só... só de um topiqueiro! exclamou o major todo encolerado.

— Bravo, Moraes! este agora, sim!..

— Porém, ouça; senhor major. Os Arabes costumam dizer: meu cavallo e minha mulher; e quasi sempre tem razão.

— Não sei o que são arabes; mas se me despetta a escolher entre uma experta crioula ou uma mulata de olhos bolbosos e um cavallo, por minha parte, preferia sempre aquelles.

— Puh! diabo! o senhor Moraes tem o paladar um pouco estragado.

— Estragado?!... respondeu elle, fazendo um gesto de desprezo ironico.

— Ah! ah! ah! eis o nosso major com os seus costumes de guarnição.

— Porco-me, cochichem o senhor Zumbá, que elle estimaria sempre um bom cavallo, principalmente ao travar de alguma occurrencia; pois sempre ouvi dizer que não gostava de encetar por muito tempo ao inimigo.

— Que dizes á isto, meu choro? perguntou o major Moraes, voltando-se para meu tio.

— Na minha mocidade, respondeu elle; im-porrei-me muito com namoricos; mas ninguém me faria dizer as asneiras que estou ouvindo hoje sobre vellos e só de tres cousas gosto muito:

— Um bom livro, um bom charuto e uma boa chieira de café preto. Todavia, o que mais estimava sobre tudo, depois deste todinho, é a minha carapuça.

— A sua carapuça, meu tio! interrompi eu logo-me.

— Sim, senhor escopador; a minha carapuça.

— Mas, que diabo de estimacão ligas tu á esse pedaço de molea branca, que trazes constantemente

te, quando estás em casa? perguntou o doutor.

— Pedraço de molea branca?!... exclamou comicamente meu tio, como se lhe tivessem dito uma grande blasphemia. Primeiramente saiba, que a minha carapuça não é nenhum pedaço de molea branca, meu choro senhor...

— Não te formalises.

— Depois, ella livra-me a calva dos ardentes raios do sol ou do sereno da noite; o que me impede de gramar um ataque de apoplezia ou alguma forte defluxão, que não é lá das melhores cousas.

— Oh! quanto á isto, como medico, concordo.

— Mas, só capitão e um chapéu do Chyll ou de palha dilata a se livra-ta tambem e fardá mais bonito; interrompeu o commendador.

— Accredita isso? perguntou ironicamente meu tio.

— Pois non! lá havia de ramocassar.

— Pois, meu choro senhor Simplissimo...

— Feliciano, capitão!

— Perdão! Sempre me engano no nome! Pois, meu choro senhor Feliciano; apesar do seu ramoco, eu não trocaria a minha carapuça pelo seu bello chapéu do Chyll, ainda mesmo que lhe juntasse todas essas bugiarias, que traz emarradas ao pescoço.

— Ora!

— Nem que o senhor me desse dous dos seus mais bellos escravas, lhe cederia eu a minha carapuça; o meu pé de molea, como diz aqui o meu amigo doutor.

— Diabo!... enão que extraordinarias virtudes possuia elle? perguntou este.

— Isso agora é uma grande historia.

— Uma historia! oh! conto-nos isso, meu tio!

— Bum! em quem querés elle derricar? disse á minha vez o senhor Felipe.

— Na commendador, se não ao seu compadre Mand Xico, que é o seu predilecto; respondeu o doutor.

— Conte-nos essa historia, capitão; exclamaram logo os rapazes, errando tamelluosamente os seus assentos para junto do meu tio; e, cochichando, diziam entre si: vamos-nos divertir.

— Pois, escutem; mas socagados. Oh! olha lá, Teluê; quasi que me las dellando fôra o meu cáfé.

(Continuar-se-á.)

A CARAPUÇA DE MEU TIO
OU
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

PAR
YOUNALE.

(Continuação de n. 18.)

VII
— Ora, você não sabe, meus rapazes; princípios meu tio, depois de ter saboreado um gole de café, e tirado duas ou três beiradas de fumo de seu imenso cachimbo; — você não sabe que a minha vida não se tem deslizado unicamente nesta bonita cozinha, que o paiola de meu sobrinho chama e aos ler senhoriai. Tenho viajado muito, e nem sempre estimei como regatos e café e o cheruto. Comi o macaroni italiano, provei do *roast-beef* e *plum-pudding* ingles e abeguei a coxar de uma podrida hospedeira.
— Cometti também as minhas lecuras e raparugas; deixei-me em Paris enganar por uma gr. teite; em Saville, escapei o balcão de uma senhoria, e na Itália quasi levei uma punhalada de uma ciumenta Veneziana.
Por causa desta ultima raparuga e com receio de quando me acontecesse outra igual, embarquei-me em Nápoles num navio, que se fazia de volta para Marselha; atravessei toda a França, dormindo-me seis semanas em Paris, e, transpondo o estreito de Calais, desembarquei em Douvres; dirigindo-me immediatamente para a capital da Grã-Bretanha.
— Diacho! eis uma viagem bastante comprida; e todo isso por causa de uma italiana!
— Que queres, doutor? julgava-me ainda no tempo do conselho dos deuses e os Venezianos metiam-me medo. Mas tarde é que vim a saber que, nos tempos da ponte dos suspiros, já não existiam, e que eu não passava de um pobre ignorante.
— Isso é modestia.
— Não; e gabo-me disso. O pouco que sei

devo-o ás minhas viagens e á experiencia, adquirida com muitos trabalhos e annos de vida.
— Ora, diga-me, meu tio: viu o Vauvrie?
— E as Italianas tem os olhos azues, da cor do céu?
— Sim, senhores; vi o Vauvrie, e as Italianas tem os olhos azues, pretos, pardos, verdes... emfim da cor que á Deus agrada dar-lhas. Mas, diga-me tambem você, rapazes: querem que continue? — Nesse andar, nem amanhã scaberei com a minha historia.
— Sim! sim! continue, capitão! gritaram todos os rapazes.
— Mais uma palavra, meu tio; se dá licença.
— Vamos lá.
— Vossa-mercê viu alguma obra feita de lava?
— Lava!... interrompeu o Sr. Morales. — Que diabo do bicho é esse?
— Porque me perguntas tu isso? Inqueris meu tio.
— Porque vi ha poucos dias um affonso de peito, que mandaram da lóca á D. Cortezades; elle disse-me que era feito de lava, que era... as feições de um bicho cabelludo.
Uma salva de applausos acolheu este locudente.
— Bravo! disse o nosso doutor; como se chamava o tal bicho.
— Ah! ah! ah! quem, diabo, lhe metteria isso na cabeça?
— E tu não lhe perguntaste, se não recejava que essa joiazinha lhe doctasse má chreia no peito?
— Deu-me livre, senhor doutor.
— Fizeste bem, meu rapaz: com as mulheres todo a civilidade é pouca. — Mas, vamos ao que importa; proseguia meu tio, depois de ter satisfeito á minha pergunta.
— Não escutamos, capitão.
— Em quinze dias percorri toda a capital da velha Inglaterra. Visitei a igreja de S. Paulo, fui ver as joias da corôa, passei pelo parque do Windsor e saí para a representação de um melodrama em Drury-Lane.
Mas, em breve me encontrei de Londres, apesar de todas as precauções e curiosidades.
O que se passou lá, não o conto, e contenta-se de contar que a minha historia me tornaram

melancholico e sombrio. Tive medo de ganhar a molestia nacional, o terrivel *spleen*: abatei para a Economia.
Ao mesmo tempo eu com os meus botões, na patria de Walter Scott, talvez encontre alguma coisa que me divirta, ainda que seja algum tamivel *Anglander* com a sua *claymora*, ou a sombra de Douglas, o negro, a vaguear pelas montanhas.
Um dia caminhava eu á pé, junto á margem de um rio, no candeado de lavradores, acimando nos meios de tornar a hivar ás mãos e meu cavallo, que havia na véspera desaparecido com o criado que me servia; eis então quando, ouço gritos, que partiam da margem opposta.
Ergui os olhos: de entre lado, suspense da extremidade de um comprido ramo de arvore, que se debruçava quasi até o meio do rio, espercejava um rapazinho de dez annos, ou pouco menos. Provavelmente o fidelho lóca colher alguns fructos; escorregára, mas por felicidade pôde á tempo agarrar-se na extremidade do ramo: gritava então para que o acudissem.
Procurei ver se o soccorria. Não enchergera pessoa alguma; mas, poucos passos mais acima, havia uma pequena ponte que atravessava o rio.
— Oh! lá! lá! rapazinho! gritou, fazendo uma especie de buzina com a palma da mão, e procurando imitar, o melhor possível, o accento de um verdadeiro *John-Bull*: — oh! lá! segure-te bem, que já vou acudir-te!
Atravessei a ponte e acendi-me correndo para o lugar indicado. Mas, chegando ahí, apresentouse-me uma difficuldade, que não esperava. O ramo era comprido e delgado; subii sobre elle, ora arriscar-me a quebra-lo e perder o pequeno. Por outro lado o rio era bastante profundo e caudaloso; lançar-me dentro, era expôr-me sem probabilidades de salvação nem para um nem para ambos.
Foi com todo esta ultima resolução, a que tomei; mettendo-me n'agua e segurando-me da melhor forma aos galhos, que se estendiam de ribancos.
Fazia um frio dos diabos e a agua estava quasi gelada; conseguí todavia tirar para lóca o meu pequeno.
O pobre menino trilhava, e batia os queixos a fazer có.
Estava pobreamente vestido; mas com os seus lindos olhos azues e cabellos d'ôr do ouro, era

uma das mais adoraveis criancas que até então vi.
— Agora, meu menino, disse-lhe eu, depois de o ter interrogado sobre a maneira porque se deparou na floresta; leva-me á casa de tua mãe para encher a minha roupa.
— Ahim non tain pai, responderam-me elle com a sua vozinha infantil e n'um dialecto semi-barbico, que muito me custou a entender, e que procurei traduzir-vos o melhor que posso para a nossa lingua.
— Então, leva-me á casa de tua mãe. Oar-se ha acoso, que tambem não a tenho?
— Não.
— Mas, com quem vives tu, então?
— Mim mora com avô, mãe Anna Kyd.
— Ah! moras com tua avô; pois bem, leva-me lá.
O rapazinho fez uma careta, como se não ficasse muito satisfeito; todavia, esquecendo-se do perigo que corria, e com a inconsciencia natural á sua idade, principiou a caminhar diante de mim, saltitando e fazendo alegres cabriolas; parando de vez em quando para apanhar nos dedos, e colher alguns flor *syllvestre* ou dar-me alguma engraçada resposta.
VIII
Anna Kyd, mulher de seus setenta e tantos annos e avô deusa linda creança, loura e vigorosa como um cherubim, era uma pequena e feita corcovada, que não gozava de muito boa fama nos arredores. Tratavam-na de louca e feiticeira; e os rapazes e raparigas fugiam della, como o diabo logo da cruz, e os velhos boziam-na quando a encontravam, murmurando algumas devotas orações.
Depois de andarmos um quarto de legua, pouco mais ou menos, por entre cardos e agrotos pontudos, achamos-nos afinal diante de uma toca e pequena cheupana, á porta da qual encontramos a nossa feiticeira.
Anna Kyd recebeu-me logo com expressões de vivo agradecimento e cordialidade, como se já estivesse inteirada do facto.
— Bem vindo seja o homem bomfazejo e caritativo, o salvador da ultima vergantea de Mac Hawk (1) Deus o acompanha sempre em a sua carreira, e esteja elle seguro da recompensa ás suas boas acções. Bem vindo seja elle, digo, á

esta pobre casa, onde será recebido com a maior franqueza e amizade, e se procurará trata-lo com mais amor, talvez, do que nos sumptuosos paços de Holy-Rood.
Depois desta ingrezia, que á custo pude perceber, a velha foi buscar uma enorme caneca de estanho, cheia de uma especie de aguardente feita de cevada, que alchamavam *uagubangh*, e metteu mais duas ou tres ramos de urzes na lareira, que logo se atearam, e lançando virulencias e crepitações clarões começaram a illuminar com alegres cores essa escura e rustica morada.
— Gosta e nosso honrado hospede; disse a velha brucha, depois de ter-me convidado com um gesto a ir occupar o lugar que me preparára, junto do fogo; — gosta e nosso honrado hospede de *uagubangh* ou do espirituoso e colortante *Wiski*?
Como estava mais acostumado com a primeira destas bebidas, dei-lhe a entender que a caneca, que me trouzera, era mais que sufficiente para me restabelecer.
Não vou enfastiar-lhe, proseguia meu tio, com a narração das confusões cantilenas da velha, nem do modo porque passei as vinte e quatro horas, que me demorei naquella cabana.
Basta-vos saber, que fiquei tão encantado do meu pequeno camarado, que, ao despedir-me, fi-lhe mimo de uma dozeza de guinéus, do que a minha bolsa se achava então muito bem provida.
Kyd, ainda mais agradecida pela amizade que eu mostrava ter ao pequeno, fez-me presente de este tratado, dizendo-me: — Não sei, honrado cavalheiro, como testemunhar-vos o meu reconhecimento pela amizade que mostras á William, se derradeiro descendente de uma nobre e valente raça. Mas, posto que pobre e que quasi todos fujam de mim, e me alchamem, ora de Anna *Bloodhead* (2), ora de *Scrach-oni* (3), a velha Kyd não é desagradecida e faz-vos presente de melhor peço, que tem em sua guarda-roupa. Esta carapuça, posto que á principio pareça uma coisa insignificante e sem valor, é sem todo de grande estimacão. Elle pertenceu á uma de minhas antepassadas, a velha Megg, cujo bôrdão de baze se acha enterrado ha longos annos. Ella possuía tres propriedades extraordinarias, que

de muito proveito vos hão de ser na vossa vida: faz rir o homem mais taciturno e melancholico, descobre-nos o que desejamos saber, e torna invisivel a pessoa que a põe de um certo modo á cabeça.
Depois de escutar esta comprida lenga-lenga, que a velha feiticeira acompanhava de algumas explicações sobre a singular prenda que me offerecia, abraçei o meu pequeno William e despedi-me.
No caminho, querendo experimentar o meu talismão, sabe que o velhaco do meu criado se achava em Cromarty, com a mala e o cavallo que me tinha roubado, e que devia partir em duas dias á bordo de um navio, que estava para fazer-se de vela.
— Na hospedaria de *White-Bear* (4), no quarto n. 9, disseram-me o meu oráculo; pergunta por Henrique Skytte, aquire, que é como elle se intitula.
Como nada me custasse ir até Cromarty, que era justamente o porto em que pretendia embarcar-me, propuz-me ir alojarmos na dita hospedaria e aclarar esse negocio; posto não tivesse bastante fé e a minha lacrosidade fosse igual á minha curiosidade.
Figurae-vos, porém, a minha admiracão, quando, perguntando pelo cavalheiro tudado, mostraram-me o tratante que me roubára dispondo-se a ir tranquilamente a acatar-se á minha redonda.
Não me foi difficilissimo confundi-lo e fazer valer os meus direitos perante as autoridades do lugar.
Desde então contrahí íntima amizade com o meu barrete e agradeço continuamente á velha Kyd o singular presente que me fez.
Está acabada a minha historia, meus senhores; agora peço que examineis com mais cuidado a minha carapuça, pois não é tão insignificante como á primeira vista parece.
Dizendo isto, meu tio tirou da cabeça a sua carapuça e a entregou ao doutor, em roda do qual immediatamente nos agrupamos, desejosos de ver o tórax das maravilhosas talismão.
(Continuar-se-ha.)

(4) Urso branco.

(1) Anna com joias.
(2) Coruja.

(1) Filhos do diabo.

FOLHETIM

ORIGINAL DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO.

A CARAPUÇA DE MEU TIO

ou

RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

por

YOUNALE.

(Continuação do n. 23.)

IX

Imagine-se um longo e encorpado barrete de fio da Escócia, de dois pannos, mas sem costura alguma; semelhante á esses barretes de dormir, de algodão, que se usam em França, Alemanha, e outros países frios, e que a caricatura nos representa de uma maneira tão esquisita e ridícula, que se vê-lo impossível é guardar o sério, ainda mesmo o mais flegmatico; e ter-se-ia uma idéa approximada da herança deixada pela velha Megg.

(1) que, porém, a tornava mais notável e concorria muito para aguçar a nossa curiosidade, era um thezouro e delicado anel de aço, que contornava em malhas flexíveis toda a sua abertura, e uma pequena bóia do mesmo metal, presa no topo e balanceando-se com graça ao menor movimento do seu possuidor.

Era na realidade uma coisa exquisita, mas admirável.

Instado com repetidas questões, e querendo desvanecer a incredulidade de alguns, meu tio, espalhando desprevenido o nosso compadre Mané

Xico, encasquetou-lhe a sua carapuça na estuprada cabeça.

O nosso homem estremeceu, como se tivesse tocado em uma pilha gelvanica, e abriu uns olhos de metter medo: tinha adormecido.

— Não se assustem: é uma sessão de magnetismo. Agora perguntem-lhe o que quizerem, que elle responderá.

Desde logo as mais sensatas e extraordinarias perguntas foram feitas ao pobre dormiente. Eram questões intrincadas, e de escangalhar de riso, das quaes pouco me recordo.

O nosso major, que fôra um dos mais apressados em arredar a sua cadeira, quando vira a criatura dos dedos e o esbaldar dos olhos do sertanejo; foi com tudo o primeiro que tomou a palavra.

— Vamos lá; disse elle ainda a tremer, mas procurando animar-se.

E segurando na mão direita do taploqueiro, perguntou engrossando a voz.

— Quem sou eu e quando nasci?

— Tu?! tu és o filho de tua mãe, e nasceste quando ella te deu á luz.

— Não, não é isso; pergunto como me chamo, e que occupação tenho.

— Tu és João Pedro Moraes, militar de espadá virgem; e a tua occupação é detreiteres-te por todas as mulheres que encontras.

— Ah! ah! ah! bravo, Sr. major!

— Ora, adeus! você não sabe perguntar. Está indagando coisas, que elle lhe poderia muito bem responder, estando acordado.

— Mas, como se dá que o compadre tenha adquirido uma tão bella maneira de se exprimir?

— Isso é porque não é elle quem responde, mas sim o espirito que nelle falla.

— Bom: toca-me agora; disse o Sr. Zumbá.

— Pergunte.

— Se você me conhece, diga-me o que tenho no pensamento.

— Tu és Zumbá zumbales, cortejas á direita e á esquerda, e serres á quem melhor te paga. Pensas agora em propôr ao governo uma empenza em que has de chuchar muito, sem que elle o conheça, e o teu vizinho te aitre pela rua das amarguras.

— Você está pregando mentira; mas vamos que assim seja, que hei de fazer para lhe tapar a bocca?

— Essa é boa! conta-lhe dous ou tres contânhas, e associa-le com algum figurão, que te apadrinha.

— Muito bem. Mas, de que vizinho falla você?

— De um jornalista, que se diz chefe de partido; mas que não sabe á quantas andas. Ora é republicano, ora monarchista; muda de casaca á cada instante, e contradiz-se á todo o momento, tudo para dar-se importancia; mas só consegue deitar terra nos olhos dos tolos.

— Isto é uma calumnia!... É uma brejeirada... vociferou um homenzinho baixo e pancudo, que se achava sentado ao pé do Sr. Zumbá.

— Paz! paz! Sr. Jacintho. Não vê que tudo é uma brincadeira?! Demais, não se está a fallar ao senhor.

— Senhores, nada de politica! A politica é uma hydra de sete cabeças... um abysmo sem fundo! exclamou um poia cabeludo.

— Apoiado! tanto mais que aqui não ha politica, e sim ignobis interesses particulares.

— Basta! estamos aqui para divertir-nos, e não para altercar. Interroguemos o nosso samambalo!

— Justo. Vamos lá, paí Mané: que horas são no meu relogio?

— Sete e meia; mas não te assustes, que ainda é cedo.

— Porque?

— Porque só ás nove horas é que tu vês os quartos crescentes.

— Não entendo; diga-me, porém o que me causa mais pezar?

— Ter tres dentes de menos na frente, e tua mulher um dedo de mais.

— Ah! ah! ah!

— Silêncio!

— Minha mulher com um dedo de mais!... você está doido, só Mané-Cuia ou Mané-Côco?!... Aonde, nos pés, ou nas mãos?

— Nas mãos; pois tu queres passar por conquistador e ella escova-te o pollo, sempre que te recolhas mais tarde.

— Bravo! bravo! viva!

— Agora, eu! agora, eu! gritou o Sr. Felicissimo.

— Attenção! agora o Sr. commendador!

E o Sr. Felicissimo Afortunado, povenhando-se todo, e com o riso da estupidez estampado nos labios, principiou a arrastar estrepitosamente a sua cadeira para junto do magnetisado, gritando-lhe quasi nos ouvidos:

— Então! hein, só compadre! hein, só Mané, que vai me cá nesta cabeça? qu'estou zezmando?

— Tua cabeça não regula: ella sempre andou á razão de juros. Cuidas agora em zezar-te, e perras dos bellos olhos de tua vizinha!

Um deslumbramento brilhante passou-me por diante dos olhos: estremei. Meu tio, á cujo lado eu me achava então de pé, segurou-me no braço e obrigou-me a sentar; mas não disse palavra.

— Morreu Mané! Ora, diga, só compadre: quando os homes de en-raí me terão visconde?

— Quando vieres um grão de alho de mais; porém, aconselho-te que não o procures.

— Pro que?

— Porque tu es deitas para fóra todas as vezes que fallas; e se chogasses á ser barão ou visconde, te harias de parecer muito com um orango-longo furdado.

— Vossé é tolo? ora, espere lá qu'en já lhe embeço. Vamos, hein! quem é o pee de meus foz?

Gargalhadas geraes acompanharam esta pergunta.

— Grande coisa! retorquiu o sertanejo, fazendo uma cara de escarneo.—E' o bôbo do commendador Felicissimo.

— Como?!.... hein!.... qu'd que vossé diz, só patife?!....

E o commendador furioso quiz lançar-se sobre o pobre taploqueiro....

— Vamos, vamos, Sr. commendador, V. S. não vê que o seu compadre está dormindo... que tudo aquillo é sonho? disse meu tio.

E para cortar toda a questão, tirou velozmente a carapuça da cabeça do velho sertanejo e com a mesma ligeireza encalçou-a na do Sr. Afortunado.

Estrepitosas e geraes gargalhadas saudaram a inauguração do novo Sancho Pança; e até o proprio compadre Mané Xico, já accordado do seu somno magnetico, não pôde deixar de escolher com grandes exclamações de gozo a transformação occipital do seu choro amigo.

— Ah! ah! ah! bravo! parece um apagador!

— Compadre de Figarô, quando temos alta do hospital?

— Senhores, é um enfermeiro do hospital militar: deem-lhe uma seringa!....

— Amarram-lhe um avental branco e deem-lhe um talalhão velho sem cabo!....

Sancho Pança dos cajús,
Tu que queres ser visconde;
Falla franco, diz d'onde:
Do anguzó?... de São Cuscut?

Trá, lá, lá; deri, derá;
Tré, lé, lé; senão Mané;
Easinemos o lambaz! bis.
Cum lamoso tirapé! bis.

Tôlo, porco a nauzear,
Senhor meu de Villa-Bella;
Se és filho da gamella,
Na gamella bas de ficar!

Trá, lá, lá; deri, derá;
Tré, lé, lé; senão Mané;
Easinemos o lambaz! bis.
Cum lamoso tirapé! bis.

E' cingindo com uma toalha o enorme bojo do futuro visconde e dando-nos as mãos, começamos a saltar e a dançar em roda do pobre coltado; fazendo uma algazarra dos diabos.

O Sr. commendador viu-se um momento azulado no meio dessa roda infernal; e já principiava a zangar-se por não poder desentocilhar-se da maldita carapuça, que se lhe tinha enterrado até os olhos; quando meu tio, não querendo levar a coisa mais avante, lhe tirou dizendo:

— Não se zangue, capitão-mór; isso é um effeito da minha carapuça, e um homem tão illustrado, como V. S., não deve cavaquear por tão pouco.

— O que admira é qu'os soros se fizessem tão alegres! Mas, olhe lá, o capitão; rocemecê quasi me ia envergando um olho.

(Continuar-se-á.)

FOLHETIM

ORIGINAL DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO.

A CARAPUÇA DE MEU TIO

ou

RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

por

YOUVALE.

(Continuação do n. 29.)

X

Quando o maldito sertanejo fallára nas pretensões de seu compadre, eu estremecêra e não fôra sem razão que meu tio notára o meu sobresalto.

Eu amava; e amava com esse amor sincero, profundo e santo, que só se dá uma unica vez na vida do homem.

Joven e bastante exaltado, possuindo um coração de artista, prestes a desabrochar á todas as aspirações do amor e da poesia, e uma imaginação viva, ardente e apassionada, eu não podêra ver Laura sem lhe consagrar desde logo a mais entusiasta e sincera adoração.

Se ella era tão bella!!!....

Fôrmas esveltas e graciosas, que fariam o desamparo de mais sublime Canova.... Fôrmas modeladas com o mais accurate desvêlo pelo Artista Supremo; feições puras, correctas e delicadas; uma bocca pequena e mimosa, que, pela frescura e colorido faria empallidecer de raiva a garbosa rainha das flores; e uns olhos meigos, vivos, travessos e brilhantes, faziam d'elle a mais suave e felleira moirna que jámais existiu.

Oh! quando me lembro das vezes sem numero em que, esbaldando-se pela esvalta e flexivel cintura, unidos os nossos corações n'um mesmo amplexo, eu a sentia estremecer.... palpitar de desejos e voluptuosidade, se lhe acariciava as nuugas e bastas tranças, que lhe cahiam pelo gracioso collo; ou quando, louco.... perdido.... fôra de mim, eu a estreitava com força em meus braços e sobre os seus labios humidos, vermelhos e perfumados, sobereava e retribuia os seus ardentes e estremecidos beijos!

Oh! quando me lembro de tudo isso, quando me recorde de todas essas felicidades gozadas e para sempre perdidas; dessas horas de doce embriaguez e delirio, em que as nossas almas, acordes em um hymno de amor, unidas em uma só oração, voavam até os pés do Eterno!....

quando me lembro de tudo isso, digo: desejára adormecer e morrer.

Que de vezes, em momentos de adoravel capricho e tyrannia femiell, ella esquivava-se de repente aos meus braços, quando tentava beijá-la, e, procurando mostrar-se eslodada, dizia-me: fazendo com os beijos um dos mais engraçados memes:

— Tenha medo, Julio!.... ah!

Vendo, porém, entristecer-me, chegava-se logo para junto de mim: e mais amoravel sorriso entreabria-lhe os labios, pondo-lhe em exhibição os pequenos dentes, alvos e deslumbrantes, como uma fada de perolas de Ceylão.

— Está bom!.... um só; mais.... não.

Que de vezes também, vencido.... subjugado pelo poder fascinador de seus olhos, eu cahia sem forças.... anbolante á seus pés; pedindo-lhe graça:

— Laura! Laura! exclamava; por compaixão, não me olhos assim!....

E pensar que tudo isso acabou; que tudo se desvaneceu, como se desvanecem os vaporescos sonhos da noite; que tudo se dolez, como se dolez o ligeiro fumo levado impetuosamente nas azas da brisa.... ou como acaba a fragil planta arrancada, despedaçada e errojada ao infinito pelo temeroso balcão!....

E pensar que essa mulher, que eu glorificava acima de tudo e de todos; que eu adorava como uma santa; que amava com paixão, santismo e leucura.... que esse anjo, enfim, de fôrmas tão suaves e puras, de aspirações tão poeticas e bellas; esteja agora.... á esta hora talvez, entre os braços de um velho estúpido, ridículo e nau-sebendo!....

Oh! que é para enlouquecer de raiva e sentir-se agitado por todas as torturas do inferno!....

Maldito seja o dia, em que a vi pela primeira vez! Desgraça sobre desgraça tem sido desde então o meu spangio!.... Ah! que não posso eu quebrar, aniquilar e arremessar ás profundas do abysmo aquelles que a apertaram para sempre do meu! Amaldiçoados elles....

Mau Deus! mau Deus! tendo piedade de mim! meu Deus, perdoo-me! Doe-me o esquecimento, essa voragem que tudo consume: bonras, gloria, amor e felicidade! Doe-me o esquecimento, meu Deus!.... o esquecimento, aliás pedendo!!!....

.....

Filhas da gentil Mauricéa, perdoo á um pobre velho o lembrar-se um instante das suas paixões de rapaz.

Não zombais, se me ouvis fallar de amor; não vos riais, se vos digo que eu tambem já amei; antes, boas e compassivas, quanto sois bellas e felleiras, acolhei-me e defendei-me contra aquelles que me accusarem.

Crêde-me: o corpo pôde envelhecer; a alma... nunca.

Rugas profundas sulcam-me, é verdade, a fronte encanecida e a minha cabeça se inclina, máo grão meu, sobre a mesa em que trabalho. Mas, debaixo desses rugas precoces, sob o peso deste corpo alquebrado pela doença e pelos pezares, a minha imaginação a vê, e, ao seu nome, o meu coração palpita e bate apressado, como nos primeiros annos da minha mocidade.

Ah! não vos riais.... não!.... soffro!.... a pena cae-me d'entre os dedos inertes e.... si-foncioso e escabunhado pelo peso de tantas e tantas recordações, deixo vaguear a imaginação por um sem numero de idéas bizarras e phantasticas, que se succedem umas ás outras e desapparecem, como as caprichosas e esbranquiçadas nuvens em uma bella noite de lua.

Vão!.... Olhai, agora me como!.... Essas ondas vaporescos e alvacontas correm, avancam umas sobre as outras, transformam-se de mil meios

diversos, e, afinal, se esvaecem sob esse espaço etherico e indefinito, á que chamam céus!

Quantas vezes, ao segui-las com os olhos, ao contemplar essas toalha immensas e azulada estendida por cima de nossas cabeças, não me recordei eu com tristeza e melancholia dos tempos passados?!....

Que de doces illusões, que de brilhantes chiméras da juventude! Uma serie immensa de lembranças apraziveis e choras se me apresentam agora aos sentidos: vejo desfilar por diante de mim as sombras d'aquelles que já lá foram; pareço-me está-los ouvindo fallar e contar os seus projectos; julgo estar vendo meu velho tio, com a sua linda barba, tão branca e alvejante, e com o seu sorriso, tão franco e tão alegre; vejo.... ah! basta!... basta!... Para que dizer mais?!... haverá palavras que possam exprimir o que sente a nossa imaginação?!....

(Continuar-se-ha.)

FOLHETIM

ORIGINAL DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO.

A CARAPUÇA DE MEU TIO

ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

POB
YOUNALE.

(Continuação de n. 33.)

XI

Laura de Vasconcellos teria quando muito 18 annos na época em que a conheci.

Seu pai, de origem hespanhola, tendo sido feito prisioneiro em um dos muitos recontros havidos nas campanhas do Rio Grande do Sul, namorára-se com a filha de um commissario do exercito realista; e, conseguindo casar com elle, retirára-se para Pernambuco, onde sua mulher possuia uma pequena fazenda.

Laura era o unico fructo desse matrimonio.

As idéas tão formos e tão simples em suas maneiras; ao encorar com os seus lindos olhos negros, de um brilho e de uma doçura sem igual; esperar-se-hia, sem duvida, encontrar em seus

progenitores, se não a belleza, pelo menos a dignidade e o merecimento.

Aquelles, porém, que assim o julgassem, achir-se-hiam cruelmente enganados.

Com effeito, com quanto o Sr. D. Luiz de Mendonça y Vasconcellos não fosse um cavalheiro lá muito fofo; possuia, contudo, todas as virtudes e todos os vícios de um verdadeiro gualcho, como elle era.

Mentava á cavallo, como genuino filho das pampas; jogava e bebia, que parecia um coqueiro; e praguejava, como.... como elle só.

Acostumado á vida dos acampamentos e não tendo quasi nenhuma educação, D. Luiz nenhum decôre ou consideração guardava em seu trato habitual. Mesmo em presença da filha, á quem elle aliás respeitava e queria muito, deixando-se levar pelo ardor da discussão, soltava ás vezes cada palavrada, que faria estremecer o homem mais sensuoso.

Inda hoje custa-me a comprehender o seu procedimento. Era uma mistere tal de loucuras e de boas acções, que nos deixava á todos de bocca aberta.

Fraque, porém inconsequente, contradizia-se perpetuamente, como se fosse a coisa mais natural; e raro era não offender o melindre

d'aquelle com quem conversava, se não o descompunha formalmente, com o argua em qualquer facie.

Com um genio assim, concebe-se facilmente que eu fugia de lhe fallar as mais vezes possível.

Apesar disso, porém, D. Luiz era um bom homem e possuia um excellente coração.

Não era assim sua mulher, cujo coração vingativo e cruel, perseguiria encarniçadamente até o ultimo suspiro, se pedisse, á qualquer que lhe tivesse sido em desagrado.

Confesso que esten quasi tentado a dar de mão a meu trabalho.

As procurar descobrir aquella, que verdadeiramente causou a minha ruina; recolo que me lechem de injusto e parcial; e todavia posso jurar, que nada mais faço do que dizer a verdade.

D. Josephina Apollecária de Mendonça y Vasconcellos, era uma mulher baixa e lezinha; cujas leitões julgar-se-hiam stereotypadas pelas da Coruja dos Mysteres de Paris.

Apesar disso, dos seus cincuenta e nove invernos, e de não contar um só dente nos queixos; esta senhora lembrava-se ainda de namorar! Sabia Deus quanto não me custou esta sua boia co-rebrina.

O seu quarto, especie de santuario, de que era excluido o proprio marido, estava completamente cheio de uma tropagem inqualificavel e sem nome; e sobre o seu leucador, além de mil e ex-quintitas bagigengas que o decoravam, viam-se frascos de cosmeticos e remedios secretos, que fariam perder a cabeça ao mais talado e esperto boticario de agora.

Aqui, era uma garrafa de verdadeira agua dos amantos; ali, um remedio approved para callos; acolá, agua real de Dr. Brown para tingir os cabellos; mais além, almeladinhos cheirosos para pôr debaixo dos braços.... enfim, era uma pharmacopéa completa, uma verdadeira loja de drogas.

Já disse, que D. Josephina era cruel e vingativa; accrescentarei que tinha uma alma bastante mosqueada e interessada, e um genio atrevidor e burlesco; não sendo o marido um dos que menos soffriam com isso.

Era tal o recolo que me inspirava esse genio, que quasi nunca me apresentava em sua casa com as mãos vazias, tomando alguma discussão; e quando por acaso a encontrava com um ar mais sério e carrancudo, senão que me succedia frequentes vezes, ficava eu logo cuidadoso e tratava

quanto antes de soltar-me, imaginando que objecto de preço deveria comprar-lhe para a amaciá; ainda que as occasiões estivessem sem viem, e que para esse fim fosse preciso esdrinhar-me em vender a camisas que trazia no corpo.

Perguntar-me-hão sem duvida, como é que vivendo constantemente entre tão lavajavel par, e sendo testemunha quasi que diário d'aquellas tão moralidades querellas, poderia Laura deixar de mover-se por tão máos exemplos?...

Parece extraordinario, mas é a pura verdade; e se attendermos á lei dos contrastes e á tantas e tantas anomalias que existem por esse mundo de Deus, causar-nos-ha isto menos admiração.

Proferando sempre mostrar-se indifferente e estranha á essas discussões; de genio alegre, mas casto e digno em todas as suas acções, e possuindo um caracter apolizado e poetico, Laura conservára-se sempre irreprehensivel e pura no meio desse inferno, de que ella parecia ser o anjo da paz e concordia.

Pois que D. Josephina, e que acreditamos, não tivesse nunca em vista induzir máos principios á sua filha, sem tão pouco transevia-la; lá estava é preciso confessar que os seus exemplos, suas maximas e o pouco caso que fazia, muito

concorriam para tornar duvidosas as suas boas atenções.

Causa pojo, mas é mister dizer-se: muitas vezes via-se a filha dar lições de decôre e boa educação á aquella que pelas leis da natureza deveria ser a sua instructora!

Esboçando aqui esses retratos, não pretendo mais do que fazer sobreahir alguma luz neste pequeno quadro de costumes, que empreheendi pintar; se é que tal nome se lhe pôde dar.

Isto posto,erei uma pecca; não só porque tambem reconheço o quanto se tornam enojadas as longas descripções, como tambem por que algumas correcções, que lhe faltarem, as irei fazendo pouco á pouco e á medida que a obra for avançando.

(Continuar-se-ha.)

A CARAPUÇA DE MEU TIO
ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

por
YOUNALE.

(Continuação do n. 41.)

Era no dia immediato áquelle em que meu tio me contou a historia da sua carapuça. Estavamos na sala de detraz da casa de D. Luiz de Mendonça: casa térrea, como quasi todas as da arrabalde desta cidade, e cercada por lindos arvores e flores.

D. Josephina em pé, diante de um pequeno busto, e tendo junto á si uma grinalda de enormes papoulas encarnadas, que por força queria estrear nessa tarde, occupava-se com o seu penteado; e quando de vez em quando voltava requebada e assanhada ao senhor commendador Feliciano, que se achava um pouco mais distante.

Laura estava sentada junto á uma janelle, em quanto eu, encostado á mesma, porém do lado de fora, esquecia-me de todo ao contempla-la enlredada em reunir algumas flores, que lhe escabara de colher no jardim.

Deitando o senhor commendador estranhar-se com D. Josephina, nós conversavamos á parte; e tendo-nos mutuamente dessemos nada, dessemos mil futilidades tão doces de repetir entre dois jovens que se amam, e das quaes comtudo escarnecemos quando chegamos á idade madura; época em que o homem, por scepticismo ou por calculo, se põe á tembar e á criticar de tudo o que não lixeira os seus interesses.

— Escuta, Laura! disse-lhe eu. — Volta os teus olhos para mim; falla-me! — Olha! vê tu estes botões de rosa?... não são elles tão mimados? não exhibem tão grato aroma? pois eu preferiria á toda rosa os teus labios humidos e vermelhos, quando nelles vejo desabrochar o mais casto e avaros sorriso, que me lachria e faz estremecer de felicidade.

— De véras?... eu já esperava um comprimento teu; mas julguei que era com as minhas lachras a comparação.

— Traversa!... as tuas lachras são morenas e arelladas, como as de uma verdadeira filha do Brasil; e não sei mesmo se os meus bellos peccos da Europa, com a sua leve poangem rosada e macia, se lhe podem comparar.

— Ah!... pois o senhor já estava na Europa? e senhor já sabe o que são peccos?

— Devidas? ignoras que lá estava com meu tio?

— Devidas?... Deu-me livre! sua senhoria já diz a verdade.

— Minha senhoria diz, que tu estás zombando de mim.

— Não ha tal. — Então, V. já os comen?

— O que?

— Os peccos, Sr. coçador. — Diga: são bonitos? são muito bonitos?

— Não, Laura... não tanto como um bojo teu; mas muito para qualquer gábia.

— Ella cores e baixou os olhos, sem me responder.

— Então! não me responde? ficas agastada

comigo? perguntel-lhe já recomeço e arrependido.

Guardou, porém, o mais obstinado silencio; mostrando-se indifferente e sem piedade ás timidas e ardentes supplicas, que lhe dirigia.

— Diga-me uma coisa, Julie; exclamou nesse momento D. Josephina que, como disse, se achava na mesma sala commoço. — Já vieste essas casacas, que seu tio promettera arrastar?

— Já.

— Onde estão?

— Estão amarradas junto ao banheiro do Souza.

— E são grandes?... quantas peccas podem levar?

— Quatro ou seis cada uma; respondi já enlredado.

— Ora essa! exclamou a velha; então não cabemos todos nelles! Não sei que idéas foi essa de peccos pelo rio: eu nunca gostei de andar embarcado. Que tal achas o meu penteado, Sr. Afortunado?

— Já meo uma maravilha.

— Como! uma maravilha! pois o senhor diz isso das minhas flores?

— Nada, não; D. Josephina! retorquiu o commendador meio enegado. — Eu dir uma maravilha.

— Uma maravilha! disse eu a meia voz. — O maluco do homem está com gostos aquáticos.

O diabo o leve com as suas marcenias!... acrescentei um pouco zangado por ver que Laura continuava no mesmo mutismo.

Ella soltou então uma risada argentina e fresca como o melodioso gorgear de um passarinho; as minhas sobrancelhas se desentregaram.

— Que tem V., Laura?

— Nada, mamãe; é Julie que me está dizendo que desejava comer agor...

— O que?

— Uma... uma torta de ciria; respondeu elle, redobrando as risadas.

— Ciria!... pois V. gosta de ciria, Julie? sempre é ter um paladar bem estragado... um bicho tão exquisito e tão ruim!

— E' pro que vocemecê ainda non provê. Se cumeço delles havia de gozê.

— Pois é ir pecca-los; respondi-lhe. — Olha, querida! disse voltando-me para Laura; estas-me despreciaando diante do teu mãe.

— Que me importa! retorquiu-me ella, fazendo um esgracçado momo com os seus rosados beijos.

— Importa-me o mim. Demais te te rião...

— Que tem isso?

— Muito; porque se te ris, é signal de não estares agastada comigo.

— Então.

— Não.

— Sim.

— Pois bem; porque?

— Porque?... porque V. não quer fallar direito?

— Pois, eu estou fallando forte, meu Deus?... olha!

— Não quero olhar.

— Pois, escute!

— Também não quero escutar.

— Uma palavra!... uma só!... ah! pelo amor de Deus, não seja má!... Laura! minha querida Laura!... eu te peço: não te vás embora!

— Pois então, falle! respondeu meia entorpecida, chegando-se para junto de mim.

— Ouve então, meu coço: eu só quero fazer o que quizeres, amar á quem amares e dar á quem orares. Quando, pois, eu não fallar direito, te has de emendar. Sim?

— Ah! bom!... já V. torna á coçar!... disse ella fingindo-se enlredada.

— Por Deus!... juro te!... Olha! tu sabes que te amo e muito, que toda a minha felicidade dependo de ti. Ama-me, pois; não me recuses nunca o que te peço; e sempre bôa para comigo.

— Pois, ainda mais?... L...

— Ainda... — Para que devidas de que te digo? Porque de ás vezes te esqueira para comigo?

— E' porque V. não tem medo.

— Medo, que estou eu fazendo, Laura?... não diz-me!

— E tambem, quando está só comigo, V. não quer conversar a'outra coisa. Não posso eu que- rer-lhe bom e V. á mim, sem que estejamos sempre á fallar nisto?

— Não, mil vezes não. Quando a gente se ama, deve-o dizer, repetir mil vezes mutuamente. Isto me consola e me enche o coração de mil transportes e felicidades supremas. Que queres tu que eu te diga, se não que te amo, que te amarei sempre e que consarei de existir se me deixares de amar?... Se, pois, sempre bôa para comigo; não te faças tão severa. Olha! ha tanto tempo, que dizes que me amas e eu te creio; e comtudo ainda hoje não me deste uma coisa qualquer, como prova do teu amor!

— E o que quer V., que eu lhe dê?... Se eu não tenho nada!

— Por exemplo: porque negas dar-me um anel dos teus cabellos?

— Ora! não valia pena.

— Vê?... já te refusas á um tão simples pedido.

— Está bom!

— Dás-me o que te peço?

— Sim.

— Quando?... já?

— Já, não; amanhã.

— Não, hoje; quero hoje quando voltarmos do passeio. Sim?

— Se eu puder.

— Se poder, não; ha de ser com certeza. Laura! eu te rogo!... E alegre, transbordando-me o peito de felicidades inexprimíveis, eu cobria de beijos a mão que ella deixara entre as minhas.

— Esteja quieto!... olhe que mamãe pôde vêr!

— Qual! elle está embrocado com as suas papoulas. — Escuta: hoje á noite viro boçar á esta mesma legar e que acabas de me prometter.

— Está bom: tenha medo!... replicou ella, desviando docemente o braço com que eu procurava sarrateiramente aterra-lhe. — Ah! vem papae!

— Credo!... e o Sr. meo tio tambem.

XIII

— Eh! muitos bons dias!... Cá trago á roboque o nosso marinheiro, o velho contador de historias, que encontrei ali no meio da estrada. Ah! Sr. commendador: serve humilissimo de V. S. — Como passa de saúde? e que ha de novo por aqui?

— Parece que V. agora é que madrega; disse D. Josephina murmurando, sem dar tempo ao commendador de responder. — Não admiro, visto que andas lá por fóra até as tres horas da manhã.

— Então, e que tem isso?... Não sou eu senhor da minha vida? não posso fazer o que quero?

— O que V. quer, é jogar e levar uma vida de madrega.

— Ora, minha senhoria; não me venha apoucar, que tambem lhe posso cantar a polio-dia. Oh! oh! oh! com mil bombas! e que é isso?

— O que?

— O que? isso que a senhora traz ali sobre a cabeça! Será alguma moda nova?... alguma capella de cascas de camarões torrados?

— Ora, Sr. Mendonça!... interrompeu meu tio com um meio sorriso.

— Camarão torrado me parece V., malcreado! retorquiu D. Josephina, pouco gostosa da graça.

— Eu malcreado? E ora essa!... sómente por que não lhe approve os enleitos.... Ah! ah! ah!

— E que tem V. com isso?... eu pedi-lhe a sua opinião?

— E' verdade, Sr. D. Luiz; e o senhor que se importa?

— Que me importa?... Camarão! é que ella deveria vestir-se com mais seriedade! Uma velha de cinquenta annos, querer passar por casquilha deazella!...

— Velho, será elle; não seja tão!... Laura! Laura! não me cance a paciencia! replicou D. Josephina completamente enlredada.

— Paz! paz! Sr. Mendonça! Nada de questões com a senhora; isso é muito feio.

— Que quer que lhe faça, capitão? não vê que elle é sempre quem começa?...

— Não fosse baliar com o meu tocado....

— Ora, mulher; tem juizo! manda todas essas trapagens ao diabo!

— Ao diabo vá elle! não tem vergonha.

— Está bom, minha lagosta enarquilhada; não nos zangamos. Lave-te a broca, se tu queres; não assim, Sr. commendador?

— E.... eu.... eu....

— Então, que diabo é isso?... exclamou o Sr. D. Luiz, fazendo umas feias caratonhas—eu.... 6.... 1.... pois isso é responder?... Santa-ta aqui Laura, ao pé de mim. E vem lá, ó só mar-mojo!... continuou elle gritando; bons dias! bons dias!... como vamos de saúde?

— Bem! muito obrigado.

— Sim.... bom, muito obrigado! Então para que se esconde?

— Eu não me escondo; procuro sómente não ser visto.

— Essa, agora!... disse elle abanando a cabeça e dando uma cotropetosa palmada na côxa da perna. — Julgo que não vejo que me anda á azoilar a rapariga?

— Azoilar!... perguntel-lhe se é verdade! respondi um pouco enlredado.

— Camarão! pensa então que eu acredito, que só vem aqui pelos meus bellos olhos, ou por causa daquella carcaça que ali vae?...

— Mas....

— Scio! biquinho calado, meu pintalegreto; tomemos conversando.

— Nesse caso: boa tarde.

— Nada, não senhor; ouça o que diz o Sr. commendador.

— Eu cá non disse nada; respondeu o Feliciano, passando a mão pelas suas melancas côr de fogo.

— Como, não diz nada? Então o senhor é mudo? Como vae o compadre Mand Xico?

— Bem! aceto a obrigação.

— Ah! esse é que é um velho lambareiro; um velhaco dos diabos. Figuram-se e encontrarei heitem ás onze horas á trotar atroz de um timão....

— Ora, Sr. D. Luiz!... interrompeu meu tio, fingido formalisar-se.

— Sim.... e cá o Sr. commendador é outro que tal; julga que e não conhece?

— Papae! exclamou Laura, olhando para mim e enlredado.

— Então, que temos?

— Ymc. não vos peccar hoje commoço?

— Eu sei cá?... precisava saber d'aquí á bocado. Oh! á proposita; quero saber uma novidade?

— Se eu a posso ouvir.... disse ella meia duvidosa.

— E porque não?... julga-me algum des-bocado?

— E' que...

— E' que...

— Olha! perguntel-lhe já recomeço e arrependido.

— Em pasmadeira, se não gosta de ouvir as minhas novidades; pergunta mesmo ao teu alienamizinho, que acell está tão caladinho.

— Se estou calado, é para melhor e apreciar; repliquei atrevidamente.

— E então! vejamos lá! não pôde deixar passar camarão pela malha.

— Assim, não fosse elle sobrinho de seu tio; murmurou este entre dentes.

— Já que de mim falla, julgo que, presente, me cumpre responder.

— Muito bem! exclamou D. Luiz. — Agora aceto a quiete e receto, mas respondendo daquellas. Oh! oh! lá! Sr. commendador! V. S. sabe o que é um chicote de couro de boi?

— Ah! ah! ah!

— Eu?... perguntou o commendador atrevidamente.

— Então que rizadas são essas? que admiração?...

— Mas, eu....

— Então, V. S. e sabe, que é serlanceio; e este rapaz tambem, que não é tolo....

— Subido de vossa magestade; repliquei fazendo uma mesura grotesca.

— Que é isso?... lequiriu elle estupefacto.

— Nada; pôde continuar.

— Ora; mil gracias! disse o Sr. Mendonça. — Vocês todos se embocam o Miguel Felipe capitão de infantaria....

— Não é o que, as vezes, aqui nos vem visitar? perguntou D. Josephina involuntariamente e já um pouco amaciada.

— E que dizem ser tão más, papae?

— Esse mesmo.

— Pois é um homem muito honrado; tornou D. Josephina, cuja attenção fora singularmente atraída.

— Não duvido; e que é certo, é que pratica-va bastantes crueldades.

— E' verdade; algumas pessoas deixam elle como mortas no meio da rua, com as suas atrozes correções.

— São boatos, que espalham os seus inimigos.

— Não são boatos; não, senhora. Essa capitão sabia quasi todas as noites á robar a cidade, acompanhado de vinte e tantos soldados e quatro ou cinco negros seus, armados de vergulhos, palmatorias e alguns boas nervos de boi; para administrar a alta e baixa justiça, como elle dizia.

— O Sr. commendador talvez ouvisse fallar nisto; observei meu tio.

— Não; eu nada sei.

— Oh! homem! gaticou D. Luiz admirado.

— Pois o senhor não o tem encontrado aqui diversas vezes?

— Mas, se eu non conheço tal homem!... respondeu o commendador balbuciante.

— Não pôde deixar de voltar-me á uma tal affirmativa.

— O Sr. Feliciano mostrava-se visivelmente inquieto e uma pallida boça e amarelhada parecia tor-lhe substituido a côr naturalmente avermelhada do rosto.

— Pois bem, continuou o Sr. D. Luiz; e que é verdade é que elle commettia muitas atrocidades. Affirma mesmo que muitos collados lhe morreram ás mãos, em consequencia dos barbaros castigos que lhes infligia alla noite no meio das ruas.

— Isso é mentira!

— Ora, diga-me: como sabe que é mentira? como defende uma coisa que ignora?

— Eu não defendo; digo só que é impossível.

— Pois, não; senhora. Esse capitão não era para graça. Qualquer que elle encontrasse fóra de horas no meio da rua.... brevete somente não

cravos, e que elle gostava de encontrar; dava-lhes seis, oito duzias de palmatoadas e ainda não ficava satisfeito.

— Eu mesmo vi um pobre preto velho, quasi moribundo em consequencia de um desses castigos.

— Ora, tudo isto são historias! insistiu D. Josephina.

— Historias!... pois, ouça! ouça! retorquiu-lhe o marido vivamente. — Ha um anno case capito Miguel Felipe, passando pelo lugar da Trempe, encontrou um sujeito embocado n'uma grande capa preta. O capitão fez alto. — Quem vive? — brada o sargento da ronda. Nada. — Quem vive? — O mesmo silencio. — Sargento, agarre-me aquelle homem! gritou o capitão estupefacto. Dito e feito; n'um momento estava o embocado agarrado. E como o pobre diabo não lhe soubesse responder; mandou-lhe arrumar umas seis duzias de bolas por seus escravos e dar-lhe algumas arrochadas de ferro de boi. E então, isso são historias! insistiu D. Luiz bruscamente, voltando-se para D. Josephina.

— Isso foi rosnar que V. com elle teve; repliquei ella estimulada; e agora lhe está roendo a pelle.

— Pois não foi, não; minha velha embrocadora. Saiba que hoje pela uma hora da manhã, no mesmo lugar da Trempe, o tal Miguel Felipe encontrou-se com um sujeito á cavallo, que lhe desappareu um tiro de pistola á quinta rounpa.

— Morreu?

— Poderia, não!... A bala baten-lhe ao chato na fronte e despedaçou-lhe toda a cabeça.

Isso foi dito tão rapido e apressadamente por D. Luiz, que a mulher nem pousou em responder-lhe. Fechos os olhos e deixou escapar um guincho lastimoso; cahindo em cheio sobre o velho Afortunado, que sempre coazerrara ao pé de si.

Laura e meu tio levantaram-se promptamente e correram em seu auxilio admirados; eu limitei-me unicamente á palar pela janelle e dirigime á D. Luiz.

— E o assassino foi preso? perguntel-lhe.

— Qual! nem se sabe quem foi. Suspeita-se apenas que foi o piloto de um navio mercante estrangeiro, que dizem ser o tal embocado.

— Pois não tentaram prende-lo?...

— Os soldados ficaram no primeiro instante atterrorados; quando tornaram á si, já o homem ia bem longe. — Mas, então o que tem a senhora minha mulher? disse elle passado um momento de silencio. — Parece que a coisa é séria desta vez.

E, acompanhado por mim, dirigiu-se para junto de D. Josephina; e procurou com sollicitude accommoda-la em um sofá, para onde Laura e meu tio principiavam a conduzi-la.

Não pôde deixar de notar com alguma admiração os carinhos e desvellos, que lhe vi dispensar, lembrando-me da conversa anterior.

Quando ao Sr. commendador, esse ficara no mesmo lugar, pallido e immovel, com os seus olhinhos arregalados e fixos e a capella de D. Josephina grotescamente inclinada sobre uma das oreilhas.

Ignoro por que artes de magia alli fóra ella parar.

(Continuar-se-á.)

A CARAPUÇA DE MEU TIO
ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

por
YOU MALE.

(continuação do Diário n. 47.)
XVI

Soavam nove horas da noite em quasi todas as torres da cidade, e eu, escuro e sombrio, apresentava uma só cor uniforme e esmagada; nem a lua nem se via, nem uma única estrela brilhava nos céus polidos e azulados reflexos na superfície das águas.

Então, e de vez em quando, nas trevas, que se estendiam de todos os lados, e que ao espirito humano parecem as vezes infinitas e sem termo algum possível, brilhava um ou outro pyralismo, e lá se ouvia o triste coxear das rãs, que pareciam saltar do meio paludoso charcos contra esse fundo absoluto de luz, contra esse mutismo obrigatório que, por assim dizer, se mergulhava a natureza.

Um vento fresco e impregnado desse exqu岸ito perfume de mar, tão saudável e tão grato ao espirito, corria velozmente por cima da superfície das águas, fazia-as onduar... espumar, e, depois, espreguçando-se por entre os ramos das árvores, que se debriavam das ribanceiras do rio, parava-se em sentidos e harmoniosos suspiros, que pareciam elevar-se até o throno do Eterno.

Lá se longe... muito se longe... ao horizonte, encheram-se apenas os raios e pequenos fuzis das povoações, esparsas à margem do Capibaripe; cuja luz, incerta e vacillante, confundia-se com o rápido brilho do melôro... com a passageira phosphorescência dos pyralismos, que evolviam cá e lá, levados pela brisa nocturna.

Meu Deus! quão suaves e quão amargos são, ao mesmo tempo, as recordações do passado! Que de triste e doce melancolia não existe em eu foliar da mulher, que amamos e por quem fomos amados!

Ella vinha recostada ao meu braço, entre o tumultuoso rancho dos passeadores: eu triste e amando; ella alegre e espiantada, mettendo-me constantemente à beira e palrando estouvadamente com todos.

Fraternizámos de nos recolher para casa, e dirigimo-nos à margem do rio para embarcarmos, animados pelo frouxo e avermelhado clarão dos archotes, que conduziam dous escravos.

Taciturno e silencioso, eu caminhava hesitante e primitivo, sem quasi dar lá de que se passava em volta de mim.

Aquella menina, cujo coração eu sentia palpi-

tar junto ao meu peito; aquella ser delicado e inexpressível, que se espolava fracamente sobre o meu braço e cujo halito quente e perfumado fazia-me enleaquecer e estremecer até as ultimas fibras d'alma; causava-me ao mesmo tempo o maior prazer e o maior tormento possível.

Ea amava-a acima de tudo e que se pôde expressar por esta fraca palavra humana; amava-a como o primeiro homem amou a primeira mulher... como só se ama uma só vez na vida; queria-a perdidamente e por um só olhar de seus lindos e felleiros olhos, por um só sorriso de seus vermelhos e húmidos lábios, eu sentia pulsar o meu coração pelos mais nobres e bellos pensamentos, palpitar pelas mais santas e sublimes inspirações.

Ella deixava-se acariciar e retribuía-me candidamente esse amor; e apesar disso eu duvidava.

Duvidava, sim; por que ha momentos, ha instantes tão de felicidade na vida do homem, em que elle julga sentir; duvida e pergunta á si proprio o que fez para merecer tamanha ventura!... se será ella de longa duração!

Que queréis?! A vida humana não passa de uma perpetua duvida, que somente a morte pôde esclarecer.

Aspirando por todos os póros a felicidade, que se me apresentava tão alegre e risanha; eu sentia-me as vezes estremecer sem motivo, agastado-me e tornava-me choro.

O clima, digam e que quiserem, é o companheiro forçado de todo o amor, de toda a amizade possível entre dous seres humanos: e agostinho é a base em que assentam todas as nossas paixões.

O amor, por mais nobre, por mais puro que seja; a amizade, a mais santa e desinteressada, não pôde prescindir de semelhante paizão; o desinteresse nasce mesmo do interesse, que temos, em parecer desinteressados e nobres.

Os que affirmam que o verdadeiro amor não é ciumento, ou não dizem o que sentem ou não sentem já mais o que dizem.

Que de tormentos, que de torturas immensas não sofre aquelle que vê fulgar um olhar, desprender-se um sorriso, d'aquella que ama, em prurido de outro; seja embora esse outro uma mulher como ella.

Ah! eu soffri-as... essas torturas. N'um momento, n'um instante sequer, eu passava da mais suprema e inebriante alegria para o mais profundo e desesperado pesar.

E comtudo... hoje, depois de passados tantos annos; nessa época em que o inverno da vida parece dever enregelar o coração d'aquella que passa, eu tenho saudades desse tempo de rivas e lescuras, e lastimo não soffrir os mesmos tormentos, os mesmos transportes de out'ora; tendo-a sempre á meu lado.

Estava amado. Por que? Não n'o sei; já não me recordo... succedia-me isso tantas e tão repetidas vezes!

Embarcamos e sentamo-nos juntos, em á por do outro, na mesma canoa.

A noite continuava escura e sombria, e as águas, encrespadas pelo vento, que de espaço á espaço soprava com força, emballam furiosamente a nossa canoa, fazendo-a vacillar e inclinar-se á cada momento.

As bombas davam gritos de susto, e os homens procuravam mostrar-se animados; danfocando com gracejos e estridentes risadas e rancio que unham, de irem de mergulho no rio.

Laura chegou-se a mais possível para junto de mim; encostou a sua linda cabeça sobre meu hombro, segurando-me com força em uma das mãos, enquanto eu com a outra a amparava; passando-lhe o braço em torno da cervella cinctura.

Que noite, meu Deus! que venturosa e feliz que foi essa noite para mim!... Eu sentia-me agitar... estremecer pelas mais estranhas sensações, pelo mais inebriante prazer.

Dessejava que essa viagem assim se acabasse, n'o me rio que parecia zombar de nós e ameaçar-nos de um banho tão pouco confortavel, á hora quasi morta da noite, durasse constantemente, se prolongasse e mais infinitamente possível....

— Deve-me, Laura; não tenhas medo, disse-lhe eu ao ouvido; eu estou sempre junto á ti. O mais que poderemos soffrir, é tomar um banho saído.

— Ah! e senão já recobrou a falia?! e de mais á mais consueador, quando me vê tão sensível!

— E' porque isto me causa prazer.

— Prazer! gabo-lhe o gesto.

— E por que não?! ter-te assim á meu lado, apertando-te a linda cintura, confundidas as nossas respirações e sentindo-te arfar e seio de susto o...

— E de que?

— E de amor, lá eu dizer; não?

— Pôde ser.

— Olha, Laura; não folles assim, não sobes quanto me fazes soffrir.

— Então, quer que lhe diga que não?

— Não; quero que me digas sim, sempre sim.

Escute-me; estamos quasi á chegar; lembra-te do que me prometteste á tarde.

— O que foi?

— Que me esperarias hoje á janella da sala.

— E você lembra-se disso?

— Lembra-me, sim. Ah! pelo amor de Deus, não brinques comigo! Tu m'o prometteste; deves cumpri-lo. Tu o farás; não é verdade?

— Não sei.

— Mas, não vêes que me matas á fogo lento?! que me levás ao coração todos os tormentos, todos as torturas do inferno?!... não me amas, pois?!... Laura! Laura!... uma palavra... uma só, ou te peço... digo: sim!

— Pôde ser.

— Mas, isso não é responder! Dize-me: sim ou não; por Deus!

— Quando?

— A's onze horas. En te peço, ou te supplico

de joelhos, responde-me; dize-me somente sim.

Um fraco mormurio, que immediatamente se confundiu com o da brisa nocturna, se escapou de seus lábios; esse mormurio era uma palavra, e a palavra era—sim.

Chamei-me e ficamos mudos e pensativos no meio dos gritos das bombas e do vozer dos homens, que, graçoando e dando ordens contraditórias aos canoeiros, conversavam de uma para outra canoa.

Chegamos enfim á margem opposta, onde tinhamos de desembarcar. O primeiro que saltou, cahiu á agua e molhou-se completamente, fellejado pelas gargalhadas de quasi todos os que se achavam presentes. Era preciso dar um bom pulo, para virar a praia, na qual a canoa não pôde encostar.

Saltou tambem, molhando-me até os joelhos, e suspendendo Laura pela cintura, ajudou-a a saltar leve e vaporosa como uma sylphide.

Os outros preferiram ser carregados pelos canoeiros, ajudados pelos escravos que levavam os archotes.

Offereci logo o meu braço á Laura.

— Não; disse-me ella. Vá mudar de roupa; você está todo molhado.

— Vou; mas has de dar o braço á meu tio.

— Porque?

— Porque não queria que deixes o braço á outro.

— Mas, eu vou com papae.

— Sim; porém elle gosta de caminhar só.

— E você não tem ciúmes de seu tio?

— Tenho ciúmes de tudo; delle tambem se te pozeres a rir e conversar muito com elle. Todavia como é meu tio e o amo de veras, menor será o tormento.

— Que hei de fazer, pois? perguntou-me ella com um modo lacer.

— Pergunte-lhe noticias da sua carapuça, que elle te ha de contar uma historia muito bonita.

— Ah! uma historia de carapuças!... disse-me rindo-se leocamente. Pois bem; farei o que você me pede.

— Agora, até breve; lembra-te do que me prometteste.

E, beijando-lhe a mão ás escondidas, saí-me assim que vi meu tio appproximar-se ao meu reclamo.

XV.

Principiava apenas a vestir-me, quando entrou no meu quarto Jorge, o meu amigo do collegio, que se achava passando alguns dias comigo.

Elle tambem fadava parte do rancho do passeio-dores da tarde e servira de cavalleiro á uma linda e interessante lourta, á quem dirigiu os seus cumprimentos.

— Sabes te, disse-me elle ao entrar; que me divertiu muito hoje?

— Porque?

— Ora! primeiro no passeio, que domes, e depois na nossa viagem nocturna. Viestes cá; a que fizes o commendador Feliciano? Que felleiras!

que graças!... e como se estavam se agarrando

am aos seus cascalhos no rio.

— Vieste isso, tu foste um dos felizes do dia?

— Eu?! tinha que ver, se não seoubesse des-empenhar as minhas funções de cavalleiro servente; amparando a minha dama o mais galbardadamente possível!

— Sim, eu bem te vi rompendo sedas com D. Leopoldina.

— E tu tambem, meu senexinho; cá reparai nos teus desvãos para com certa dama do meu conhecimento.

— Meu amigo; felle de ti, se queres, e deixa-me soccegar. Não sei, nem quero saber á quem alluder.

— Está bom! já não sei nada; pois que de tão reservado. Quanto á mim, não o occulto: gosto de D. Leopoldina e digo-o á quem me quer ouvir.

— E ella gosta tambem de ti?

— E muito; está perdilhada de amores por mim. Imagina que levamos toda a tarde a conversar em cousas as mais racionais possíveis. Se te visses a graça com que ella me dizia, que em Santo Amaro todas as mulheres se chamavam Maria; por abreviatura: as velhas, Mar-cas; as moças, Maroquinhas.

— Qual Santo Amaro? e de Jaboatão?

— Não, homem! Santo Amaro das Salinas.

— Ah!

— E depois, que ella tinha um parente, que se molhou a namorar quatro primas ao mesmo tempo...

— Discho! era um maganão de luz; um amador de patentes!... logo quatro primas!...

— E' como te digo. Todas ellas se chamavam Maria; de modo que elle para as differenciar, chamava á uma, Maroquinhas 1.ª; á outra, Maroquinhas 2.ª; Maroquinhas 3.ª, etc.

— Era bem commodo; mas tu de um grande fallador.

— Qual! E demais tu não sabes o manejo do rapaz, para dar trélla á todas quatro; talvez seja bom aprende-lo.

— Para que?

— Eu sei?! mas, ouve sempre. Elle fallava com a primeira na cerca do quintal; á segunda lia a historia de Bertholdo, Bertholdinho e Cascaço...

— Ah! ah! ah! e para a terceira?

— Para a terceira, passava por boizo dos pés de coqueiros, ás seis horas da manhã em ponto, com um grande oculto de alcanço ao hombro.

— Bravo! e rapaz lá á caça.

— Só se fosse caçar carrapatos.

— E quarta?... e a quarta?... e a quarta?

— Oh! para a quarta era outro cantar. Fricava-se, deixava cheiro no lenço e tropava n'um pé de goiabeiro, para se corresponder telegraphicamente.

— Ora! esse é de mais!

— Qual!... e de lousa e sobrecoisa de paço de lousa, com os colarinhos muito engomados.

— Está bom! já vejo que a tua leitura é uma grande occasiões.

aviso. mas, uize-me uma couza: porque não foi D. Josephina ao passeio, como se tinha convencido?

— Deu-lhe um faniquito.

— Um faniquito! por esse já esperava eu; mas como é costumeira velha, isso não a devia impedir.

— Não; asseguro-te que ficou bastante incommodada.

— E tu estavas lá?

— De tarde? sim.

— Provavelmente a recebeste nos braços?

— Qual! cahiu como uma bomba sobre o velho commendador Feliciano, que se viu bastante atropalhado; parecia-me que o homem tambem ia ter um desmaio.

— Ah! ah! ah! e não lhe acudias?

— Ora! era o que me faltava! Demais, se tu e visses todo atropalhado, com a velha nos braços, tendo o rosto de uma pallidez esverdeada e uma copella de papoal encarnada, que se escapára da cabeça de D. Josephina, enterrada ad os olhos; excusalhava-te de riso.

— E tinha de que. Mas, diz-me cá: porque diabo, tanto espiantado? Talvez alguma disputa com o marido; hein?!

— Não; o marido, pelo contrario, mostrou-se muito desvelado para com ella; e que não está em seus habitos. Supponho que foi por causa de uma historia que elle nos contou.

— Peste! se estamos em maré de historias; conta-me essa.

— Vê primeiro que horas são! respondi; acabando de pôr a gravata.

— Nove e tres quartos.

— Bem! temos tempo; disse eu, acendendo um charuto e sentando-me na borda da cama.

— Porque? vás saber? inqueria Jorge, imitando-me.

— Vou.

— Tão tarde?!

— Tens medo que me percas?

— Não; é porque teu tio espera-nos para coiar.

— Dize-lhe que me vieram chamar para tomar chá lero.

— Da parte de quem? perguntou-me.

— De quem tu quizeres.

— Ah! ah! ah! exclamou, saltando uma gargalhada.

— Que tens?

— Nada; responde-me, aproximando a sua cadeira. Conta-me a tua historia.

— Pois bem, ouve-me.

E contou-lhe rapidamente todo o que se tinha passado nessa tarde em casa do Mendonça.

(Continuar-se-á.)

FOLHETIM
ORIGINAL DO DIÁRIO DE PERNAMBUCO.
A CARAPUÇA DE MEU TIO
ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

por
YOUNALE.

(Continuação do Diário n. 53.)

XVI

— Tu ainda não sabes desta novidade? disse-lhe eu ao finalisar.
— Quei fellar nisto vagamente á teu tio. Com os demônios! agora não me admira, que a velha tivesse um drama.
— Porque?
— Bem, faz-te sonso!
— Não tenho esse costume.
— Com que, não o sabes?
— O que?
— Ora, essa é boa!...
— Disbo de rapaz!... falla por uma vez; desembucha.
— Mas... uma coisa tão publica!... que todo o mundo sabe!...
— O que, homem de Deus?!... olha que me estás mesando a paciência e que não tenho tempo a perder contigo!
— Pois não sabes que o capitão se enfiava para lá de Josephina?
— Heim?
— Digo-te que o capitão Miguel Felipe era o amante de D. Josephina.
— Não o creio.
— Pois, pergunta-o á teu tio.
— Uma velha de cinquenta annos!...
— E não se tem visto outras anomalias e anacronismos semelhantes? Demais o capitão não era lá nenhum moço e andava, creio eu, pela mesma idade.
— Mas, era um homem bem conservado....
— Que tem isso?
— ... e podia pretender coisa melhor.
— Que queres?... são sympathias do coração.
— Honites sympathias!
— Pois é assim mesmo.
— Impossível!... para que disbo quereria elle uma tal velhaça?!...
— Eu sei?! talvez quizesse aprender a tomar tabaco; respondeu-me Jorge, dando uma gargalhada.
— Ah! se tu cansas, exclamei riado-me também; é porque é pelo teu.
— Polastro, que não! pergunta á teu tio.
— E meu tio é que diz á esse respeito?
— Ou que é verdade e que essa ligação já dura ha cinco annos.
— E' incrível!... mas, diz-me: comprehen-

des tu também a pallidez e estrepitação em que ficou o commandador?
— Pois, elle sempre chegou a desmaiar?
— Não, cassoador; mas ficou tão amarello e enfiado, que está-me dando agora que pensar.
— Talvez fosse por causa das popoas.
— Quem sabe se por causa mais seria!... talvez elle tenha tido parte nesse crime.
— Com que interesse?
— Eu sei?!...
— A' vista do que te acabo de contar, mais depressa seria o Mendonça quem mandasse praticar esse assassinato.
— Qual! O Mendonça é um homem adoidado, mas incapaz de semelhantes cousas.
— Quem sabe?!...
— Digo-te que não! E' um homem de muito bom coração e incapaz de fazer mal á alguém de caso pensado. Além do que, se fosse elle, logo tudo se saberia; pois não tem papas na lingua e diz quanto lhe vem á cabeça.
— Assim mesmo, sendo o capitão o amante da mulher....
— Com que vem?!... elle não o sabia, e ainda que o soubesse, julgas tu que elle tivesse ciúmes de uma mulher daquella idade?!...
— Cumes, não; mas a dignidade....
— Ah! ah! a dignidade! onde iria ella enfiar-se!
— Ri-te; mas concorda que as probabilidades não contra.
— Assim parece; mas não é. Demais não nos esqueçamos do commandante de navio mercante á quem se attribue essa morte.
— E' verdade.
— No entretanto, sempre suspeito um pouco desse velho.
— Qual?
— O tal Alfortenado. Olha! esqueci-me de te dizer ainda uma coisa.
— O que?
— Depois de acudir á D. Josephina, meu tio aproximou-se á esse cassoado, admirado do e ver em tal estado.
— E depois?
— Foi-se a conversa-lo: se tu presenciasses o estado e agitação, em que o vi, ao dizer-lhe meu tio, que não se amolhasse, que elle por intermédio da sua carapuça havia de descobrir o autor do crime....
— Pois, teu tio disse-lhe isso?
— Disse-lhe e a sua estupefacção subia do ponto, ao ver-lhe o resultado.
— Mas, então já tinha elle algumas suspeitas?!
— Ignoro-o; tu bem sabes que meu tio gosta de vezes de brincar.
— E' o unico defeito que lhe acho.
— Já vás que, ainda mesmo que não queira, sempre tenho motivos de suspeita desse velho sim-lhacado.
— Meu choro Julia, em casos desses, é miolo ser mi pródigo. Portanto, não mais fallamos nisto.
— Dizes bem; respondi-lhe levantando-me e preparando-me para sair. Olha! previas á meu tio de que eu talvez passasse a noite fóra.

— Já te vás?
— Sim; parece-me que é tarde.
— São dez e meia; disse-me Jorge, consellando o relógio. Queres que te acompanhe?
— Nada; não. Obrigado! respondi meio assustado.
— E' muito sem cerimonia, retorquiu-me elle riado-se; mas hei de saber onde vás.
— Livra-te disso.
— Está bom!... adeus!
— Até amanhã!

XVII

Momentos depois, eu achava-me ao lado daquella que amava....
Sentados um ao pé do outro sobre o mesmo selé, com as nossas mãos entrelaçadas e os nossos corações agitados por sensações as mais delicadas e puras, conversavamos havia algum tempo, esquecendo-nos das horas, que decorriam velozes para não voltarem jamais.
A noite permanecia sempre de uma negra carregada e sombria, e uma atmosphera lóbrega, um vento fresco e balsamico entrava de vez em quando pela janella entre-aberta, conduzindo-nos os suaves e embriagadores aromas das flores de jardim e dos laranjeiras vizinhas, que, em ligeiros e tenuissimos effluvios, derramavam-se pela amplidão do espaço; augmentando-se dessa forma a placidez e poesia do que parecia estar impregnado a natureza.
Vendida simplesmente do branco, costuma que elle guardava usualmente e que tanto realce lhe dava ao talhe sobrio e engraçado como uma palmeira indiana, com os negros cabelllos soltos á mercê da bragem nocturna, Laura occultava-me tremula e assustada; respondendo toda commovida aos meus ardentes protestos de amor.
Eu não podia ver-lhe as faces acastilhadas e lindas, coradas por essa mais tanta rosada, que se mulher, e as virgem principalmente, indicam o pudor e o casto; a occurridão e mais completa, esse deus e negro rên da noite, que nos cercava por todos os lados, não m'e permitia. Mas, pelo tremor vacillante da voz, pelo arfar prostrado do peito, eu sentia que essa menina amava-me, e que para arrestar assim com todas as conveniências sociais, com todos os perigos de uma entrevista á tal hora da noite, era preciso que o seu amor fosse excessivo e sincero.
E seria isso verdade?!... Oh! meu Deus! meu Deus! que de triste não é a condição humana! que de fracas e errôneas não são todas as nossas concepções!
A dúvida!... sempre a dúvida!... sempre a incerteza!... tal é o eterno phantasma que nos acompanha em cada phase da vida... e cabos com que constantemente deparamos!
Naquelle tempo eu era bem jovem; eu tinha 16 grandiosas ao amor... vivia na amizade verdadeira e profunda.
Heio o scepticismo e a descrença se apoderaram, pouco á pouco, da minha alma atribulada e balçoaram-me com o seu sobre carregado e agudo, como o que vagueia por entre as brisas louzas dos abandonados sepulchros.
Só e unicamente a tristeza, esse crêpe mortua-

rio e indelével em que as vezes se envolve o nosso pensamento, faz-me sentir que ainda tenho longos dias de sofrimento que passar exilado da terra.
Seria certo que ella amasse-me? Seria possível que o seu coração se por mim palpitasse? que seus labios só desprendessem suspiros, que esses suspiros só fossem dirigidos á mim?!... Pelo menos julgava-o então; mas hoje tudo isso parece-me um sonho, tudo uma vaporesa visão, e ao consulto o meu coração, já gasto por tantas decepções, elle responde-me francamente—não sei!
Devida desesperadora e terrível! Ah! ora assim que ella me respondia a maior parte das vezes!
Mesmo entre meus braços, estrementando de paixão, suspirando de amor e desejos sob minhas caricias do fogo, se lhe perguntava—amasse-me?—respondia-me logo com voz entrecortada—não sei.
Oh! se tu mesma as vezes ignoravas o teu amor para comigo, se também a dúvida te acastilhava o espirito, quando me deixavas beijar esses labios deliciosos e humidos, entre-abertos pelo sorriso do prator e do amor, ou affogando os negros e luxuriantes cabelllos, que te sorpeavam em graciosas ondulações pelas costas abalho... o que poderel tu dizer, depois de que se passou?!...
— Não sei... e sempre—não sei....
Principiava por fallar-lhe de amor, começava pensando-lhe o meu braço direito em torno da flexível cintura, puchando-a docemente para mim; mas ella sempre pedica, sempre temerosa e assustada, respondia-me apenas; procurando de no entretanto mudar de conversas....
— Quere, sim; mas por isso mesmo é que de vezes fallar de você.
— Por que? perguntel-lhe, deixando-me insensivelmente arrastar pelas suas doces palavras.
— Não me pode você que o amo como uma irmã, que o aconselho, que o consolo em todos os passos da vida?
— Ah! se sempre procedesses assim!
— Pois bem; respondeu-me ella com um modo fagueiro.—E' preciso estudar e você está-se tornando um pouco vadio.
— Pois, não és tu mesma que applaudes os meus progressos na lingua?!
— Al! não! retorquiu-me mole risonho.—Você disse que me ensinaria o francez se eu lhe ensinasse o italiano, e nas nossas lições, quer ensinando, quer aprendendo, você mostra-se intencionalmente inquieto e não sabe o que faz.
— E sabes tu o que me tornas tão abstrahido?
— O que é?
— Os teus olhos, querida Laura; esses olhos tão feticheiros e bellos, é o que tanto me faz pensar.
— Sim?! disse-me ella sorrindo-se.—Aponta que você nem sabe de que cor elles são!
— Oh! pois, não! Até os pintaria se fosse um Raphael ou Murillo.
— Davido!

— Ah! di retrata os teus olhos?!...
— Não só quero; manda! respondeu-me ella tomando um ar soberbo.—Não me tem você dito tantas vezes, que os meus olhos lhe dão inspirações?
— E' verdade; ouve-me e desculpa o arrojo de quem tanto te ama; tornei-lhe beijando-lhe as mãos e depois de passado um momento:
Quem me dera terador
Ser ao menos, ou pinel...
Tudo logo... tudo amor...
Pra teus olhos decorever;
Olhos negros, acastilhados,
Que veemdo, fulgurantes,
As estrellas mais brilhantes,
Fazem mesmo esquecer!
Mas nada que, eu lyra houvesse,
Por mais do que te tivesse,
Não... não creio que pedesse
Esses olhos esboçar;
Que a vez mais eloquente,
O pinel mais excelente,
Nem o rato e mais ardente
Não a'os podem retratar.
Olhos bellos, como os teus,
Eu duvido que até Deus,
Entre os outros anjos seus,
Os poemas de valor;
Se elle deu-te a primazia,
Creio eu que não previa
Quantos males aellas ia
Em lhes dar tanto fulgor.
— Estão muito bonitos; mas ha uma difficuldade; disse-me elle, procurando metter-me á bulha.
— Qual é?
— E' que eu não tenho os olhos negros.
— Pois, os teus olhos não são pretos? Inquiri devidoso.
— Não.
— Tu graças! pois não o sei eu? tu mesma não m'e tens por vezes affirmado?!
— Pois não são, não; eu pelo menos não quero agora que o sejam.
— Bem! então diz-me de que cor são.
— Não sei.
— Pois, deixa-me vê-las.
E procurava, apesar de occurridão, chegar a quem roto junto ao seu; ella repelia-me, pediam, brandemente, voltando-se para o lado oposto.
Vendo sabirem infructiferas as minhas tentativas, disse-lhe depois de passado um instante de silencio:
— Pois bem; não haja dúvida. Eu procurarei satisfazer-te; conta:
Dizes não, que teus olhos
Não são negros.—De que são?
—Al! não sei se tens razão,
Que o fulgor, que bellos brilha,
Não permittem que eu me afirme
Se são negros, forte-creio,
Se de azul tem os primeiros
Ou de verde os côres trilha.

Esses olhos acastilhados,
Tem poderes fascinantes,
Que não posso te negar;
Pois se em mim elles se fixam,
Fico louco, arrebatado,
E até quero estismado
A' teus pés me prosternar.
— Mulher, virgem, ou seja,
Donzella que sempre amei,
Dize te, que não a' sei,
Al! a cor que os olhos tem!
Que eu com medo do perigo
Ifinda ser mais inflamado,
Por um fogo tão sagrado,
Não a'os quero mirar bem!
— E então, não me sabi bem? não ganhei? perguntel-lhe, buscando envolve-la nos braços.
— Tenha medo, Julia! você não tem mais que fazer? disse-me logo, meio assustada e procurando mostrar-se enfiada.
— E o que queres que faça, senão amar-te? não cifra-se toda a minha existência. A minha gloria, é amar-te; a minha ambição, ser amado por ti. Se amasses-me tanto como eu te amo, não me darias desgostos, farias sempre o que eu quizesse....
— E o que você quer?
— Quero que me ames, á mim só; que o teu pensamento só se occupe de mim; quero que sejas minha, ovisda? ... minha só... que o teu coração, a tua alma, o teu corpo, tudo... tudo me pertença. Só assim eu seria perfeitamente feliz.
— Mas... para que quer você que eu seja sua? perguntou elle commovido e reflectidamente.
Heitei um instante ao ouvir-lhe lagrimas como extranha pergunta; mas esse instante passou rápido como o fútil de relampago, veloz como o pensamento humano.
E bruscamente, sem transição, estirei-a com deitria em meus braços e cobrindo-lhe os labios, as faces, os olhos e o peito com os meus beijos ardentes, exclamei completamente fóra de mim:
— Para que?!... para amar-te e ser por ti amado!... para iniciar-te em todos os mysterioses prazeres do amor... e para que as nossas almas se elevem aos céus reunidas... confundidas em um só cantico... inspiradas por um só hymno de gozo inefavel e supremo!
E sem attender aos doces suspiros, que se lhe escapavam do peito, continuava a predigalisar-lhe as mais apaixonadas caricias....
(Continuar-se ha.)

PERN. TYP. DE M. F. DE FARIA & FILHO 1882.

A CARAPUÇA DE MEU TIO
ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

POR
YOUNALE.

(Continuação do Diário n. 59.)

XVIII

Tinham decorrido quasi dous annos depois da primeira entrevista, da qual o meu coração lembrará eternamente a mais grata e saudosa lembrança.

Meu tio obrigára-me a fazer uma pequena viagem á capital do imperio, por causa de negocios de seu particular interesse.

Tendo preenchido os meus deveres, embarquei-me no brigue de guerra *Relampago*, que tinha em commissão para esta provincia; conculzando além de dous ou tres passageiros de estado, toda a ala direita de um batalhão de caçadores de linha.

Impellido por ventos bonancosos, o *Relampago* abriu galhardamente um longo sulco sobre o esverdeado oceano.

A viagem corria sem incidentes notáveis até chegarmos á essa carunchosa cidade, á essa velha e decrepita ratinha destrahmada, á que chamam S. Salvador de Todos os Santos.

Ahi tomamos, como passageiro do governo, ao Sr. Manoel Francisco, seu digno compadre do nosso conhecido Alcoronado; cuja presença nestas paragens, á principio, não pouco me deu que pensar.

O velho sertanejo reconheceu-me immediatamente e mostrou-me muito satisfeito por encontrar-me entre os seus companheiros de viagem; declarando-me logo os motivos, pelos quaes se e via tão distante que seus patrios sertões e sujeito aos vaiares de um elemento, que por certo não lhe inspirava lá grande sympathia.

Pela minha parte, embora não ligasse grande

importancia á sua pessoa, confesso todavia que estimava bastante encontra-lo nessas alturas; tinha ao menos quem me fallsse daquelles, de quem me separára com a mais viva saudade.

Infeliz velho! Mal sabia tu que a justiça do céu, que ás vezes tardia, mas, que jamais pode fallhar, estava eminente sobre a tua cabeça! Mal sabia tu que não mais devias pisar as quentes plagas dos teus amados sertões, esses lugares queridos onde a carada alta seus mariposos cantos!

O nosso brigue, cortando garbosamente as aguas, espantava-se a litor, qual airoso cyano, lançando em volta de si nuvens de espuma alvactenti.

Ahi, como em toda a parte; então, como ainda hoje; dormindo ou acordado, eu via sempre a sua imagem querida, como uma visão aérea e vaporosa que voltea no espaço, perpassar lenta e saulosa pela minha imaginação abrasada.

— Ah! Laura! Laura! esquecer-te, excede ás minhas forças; deixar de amar-te é impossivel!!!

Sim; triste ás vezes, saudoso sempre, eu lo sentar-me frequentemente á pôpa da embarcação que me conduzia; e ahi, debruçado sobre o bhyamo, com as pernas pendentes e os braços entrelaçados nos cabos; deixando-me embalar docemente pelo suspiroso arfar do brigue, contemplava silencioso e extático: ora a mereocoria lua, que se espelhava traquilamente nas aguas de mar; ora a larga e brilhante esteira de espuma phosphorea, que partindo do lugar onde eu me achava, corria á meus pés e alongava-se em caprichosas e tortuosas voltas, qual enorme serpente de fogo, a perder-se n'um horizonte effundido.

E então, como ainda hoje; e sempre.... a tua imagem seductora se apresentava á meus olhos coberta de brancas roupagens.

Ahi a sensibilidade é o dem mais funesto, que ao homem concede a Providencia divina; aquelle que ama, é fatal..... necessariamente um ente infeliz!

XIX

Eu vinha alojado na praça d'armas, com os principaes officios do estado-maior.

Os outros, jovens tresloucados e varios, cuja vida inconsequente voltava se constantemente entre os campos de carnagem e os ruidosos prazeres da mesa, do jogo e do amor, occupavam toda a camera de ré, que o commandante do brigue lhes tinha cedido por falta de commodos.

Esses meus companheiros de viagem, não estavam um momento parados; jogos, folias e ditos chistosos enchiam constantemente o seu alojamento, de modo a me asfogaarem sempre d'ali.

Não succedera assim com o compadre *Mand-Xico*, que logo se familiarisára com esses sechores; vivendo unidos pois mais perfeita entente cordiale, como se fossem velhos amigos, apesar delles e debicarem sem commiserção.

Infelizmente, esses esturdios descobriam um deposito de vinhos finos, pertencente ao commandante do brigue, e principiam a fazer-lhe corajosamente as horas de Nacho. O bom do sertanejo, muito amante da pinga, não lhes quiz ficar atraz e até procurou exceder-las.

Era para ver o desperdicio e selvageria com que elles assaltavam o festejado deposito; fazendo-se notar, entre todos os bebedores, o nosso sertanejo e um tal alferes, chamado Liborio; homem já dos seus cincoenta annos, de barbas e grandes bigodes grisalhos.

A frasqueira achava-se situada em uma especie de escotilha, junto ao lume, e continha perto de trezentas garrafas de champagne, chambertin, porto e bourgogne.

Tirava cada um a sua garrafa, quebrava-lhe o gargalo n'alguema das portinholas de pôpa, e embocando-a mesmo assim com os vidros quebrados, esvaizava-se qual que de uma asseitada.

Craio que espediriam desta forma, obra de umas duxentas garrafas.

Uma manhã, vrs pouco mais de 10 horas, um jovem leuante que se mostrava mais ariado que os outros, veio procurar-me sobre a tolda do brigue.

— O seu amigo está muito doente; disse-me elle sentando-se junto á mim.

— Qual amigo?

— O sertanejo.

— Ah! respondi-lhe com um molo sorriso. O que tem elle?

— Acaba de beber ha pouco uma garrafa inteira de tinta de escrever.

— Como! ... Dar-se-ha acaso que elle se quizesse savonar?!

— Não; foi apenas um desses enganoses fumes, que tantas desgraças produzem.

— Explique-me isso, por favor.

— O senhor sabe da tinta que ia lá por pallo, causada pela frasqueira do commandante?

— Sei.

— Pois o seu amigo era um dos que, com mais ardor, se davam ao trabalho de esvaizá-la. Hoje quiz elevar-se entre os outros e tragou, de um só jacto, todo o conteúdo de uma garrafa cheia de tinta, que infelizmente se achava junto á frasqueira. Atordado pelos vapores do vinho, que havia bebido, creio que não pôde conhecer á tempo esse funestissimo engano.

— Mas... isso é uma fatalidade terrivel!

— Assim é; e receio bem tristes consequências.

— O commandante sabe alguma coisa?

— Sim.

— O commandante do brigue?

— Já deu pelo saque da frasqueira e está muito zangado comnosco. O nosso coronel declapnos, que, assim que desembarcassomos, haviamos de guardar a prisão por trinta dias.

— E o Sr. Manoel Francisco?

— Esse, diz o commandante, que, se morrer, ha de ser muito bem feito; a culpa terá sido unicamente sua:

— Falto, e seu estado é muito perigoso?

— Não sei; vá vê-lo. O nosso doutor diz que se conservar alguma porção de liquido no estomago pôde morrer: falla de vitriolo, sulphato ro, etc.

Doei immediatamente á camera de ré e fazer e doente, á quem achei acompanhado pelo de forçirgão do batalhão.

O seu estado era pessimo, nauseabundo e, perdoo-me o leitor, algum tanto ridiculo. Estava tão desfigurado e tão frio com assecões de tinta, das quaes ainda se lhe viam os vestigios estampados em seu rosto avermelhado e trigueiro, que provocatis e riso á qualquer, se o seu estado não fosse tão grave e se não e reprimisse um voluntario terror ao observar-lhe a baba esgrecida e san-

guinea sahir-lhe dos cantos da bocca arrozeada. Causava medo; fazia horror.

Piorou pelo decurso do dia e morreu no meio de anclias terríveis, como valciana o doutor; maltenho tempo de entregar-me uma pequena carteira de marroquim vermelho; cortando-lhe o ultimo suspiro, o derradeiro stertor da agonia, o nome da pessoa á quem eu a deveria entregar.

Pela tardinha o seu corpo, envoltido e cosido em um sacco novo, foi arrojado ás ondas, depois de camprido o ritual do costume; levando por contrapeso nos pés uma bala de 36, solidamente amarrada.

Este successo contristou-nos bastante e deixou-nos á todos imersos na mais profunda apathia.

Eu ficara no convéz, depois de concluida tão triste cerimonia, e passavela absorto em melancolicos e vagos devaneios.

A noite cahira rapidamente e, triste e sombria, parecia acompanhá-nos na nosso pezar; as aguas, agitando-se convulsivamente pelo sópro do vento, diz-se-hia que, com os seus surdos rugidos, murmuravam ameaças insolitas sobre a sepultura que nellas se acabára de abrir.

Desajeo de conhecer o conteúdo da carteira, que me fôra entregue em um momento tão sombrenho, debruçei-me sobre a brassada de uma escotilha e ali, á luz da lanternas, pezo-me a levantar silenciosamente o meu pequeno deposito.

Havia nella umas poucas de cartas, algumas contas e rasquinhos; tudo de letra illegitima e pessima.

— Vejamos, disse eu com os meus botões; talvez descubra alguma coisa relativamente á pessoa, á quem deve entrega-la.

E tirando uma carta, se acaso, principiei:

« Estimado amor. — Muito grande foi o parrer e que tire quando os meus Olhos pateram sobre e as suas leitras a qual vinha acabarmo dea Sano e car e ao firme amor para commigo. Ah!... e quanto sou feliz ao ter verdadeiro e seu amor e para sempre sendo eu uma infeliz como não te e rei ogosto e o parrer de amarinho, um amavel e coração que ves Cativar um peito tão constan-

te sim e meu amor não é valavel nem lisona e geiro abasta que eu encontrate no seu um amor e como e meo parece que teria por Venturoso, e muito tempo eu lá via uma demora tão grande

e para ser respondida pencei ser por molestia não e tinha quem medeço noticia sua estava coberta e de saudade tão bem pencei estar esquecida ou de desprezada tudo fazia tre emencias gonis, e mas no illis momento em que recebia a sua letra outro contentamento tive por ser alienbrada, e quem tanto amô! Aquel remetio lhe o que pedes e também manio e seu para ser deposita- do no meo pobre Coração já dias tenho escrito e mas não tenho podido dar lhe por aver tantos e legatos a Deus asseito asutises de quem esti- e mi espera ser sempre estimada por Vós, não e sendo penozo mandai dizer q esta seuhora que e passa com Vós quem elle he... »

Não pude deixar de soltar uma estridente rizada.

— Bem! disse eu á meus voz; parece que o nosso homem era tão querido das bellas, como o senhor major Moraes! Quem, diabo, lhe escreveria semelhante carta?!

Vejamos outra; conu- nuel, desdobrando segunda.

« Sor.—Li a sua carta ficando sieste noque me e diz. Seohor eu não lhe tenho escripto para lhe e responder as cartas não é por temer que Vmce, e seja capas de esmootra a pessoa alguma por que e estou muito longe de fazer nse as pessoas o e consenpio que se pode fazer de Manoel C..... e pois conheço que es es Educação está mun- e to as ima do dito C..... »

Não pude continuar; toda a minha tristeza se desvanecera ao ler tão esquipaticas cartas, tal farnel de sandices, guardadas pelo velho sertanejo.

— Ah! ah! ah! tenho muito que me rir com Jorge, quando o encontrar!... e elle que tanto gosta destas petiquinhas!... Vamos lento; esta parece-me letra de homem... vejamos primeiro a assignatura... Diabo! é uma carta do senhor commandador Felicitissimo! que asseiras dirá elle ao seu compadre *Mand-Xico*?

E propunha-me aller tambem essa carta; quando fui subitamente interrompido.

(Continuar-se ha.)

A CARAPUÇA DE MEU TIO

ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.

em
VOU MALÉ.

(Continuação do Diário n. 67.)

XX

Havia já alguns segundos que eu ouvira por
as vezes o apito do contra-mestre, chamando a
equipagem á manobra, e a voz do nosso velho
comandante, dando algumas ordens para seguran-
ça e artilharia de bordo.

Parece que tínhamos a lutar com alguma tem-
pestade, pois o mar aquietara-se um pouco, as
vagas perdiam linderos ao longo das vergas, e o
ar se tornava tépido e rarefeito, como acontece
quasi sempre antes das grandes convulsões da na-
tureza.

Todos conservavam-se imóveis e atentos: a
equipagem em seus postos, os passageiros reco-
itados na cama. Sómente eu permanecia dis-
tribuído junto á luz da lanterna, lendo essas car-
tas de amor.

— Sr. Julio, disse-me o commandante do bri-
gue, aproximando-se á mim e interrompendo a
minha leitura: o senhor lêna bem em descer
quanto antes para o seu alojamento.

— Por que, commandante? acaso embargo eu
a execução de alguma manobra?

— Não embargo, não; vamos, porém, ter uma
boa e bella tempestade, e eu não o aconselharia
á que fizesse aqui no convés.

— Uma tempestade! Ah! commandante, se o
permite.... Sei! Há muito que desejo presen-
ciar um espectáculo desses naturaes.

— Veja lá! Olhe, que se subir ao mar, ain-
guem o irá lá procurar; redargua o commandan-
te, que, desde que eu me embarcára, mostrára
alguma predilecção pela minha pessoa.

— Não tenha receio; seu sobrinho de um vo-

lho marinhairo, e parece-me que isto correr-me
o seu sangue nas veias.

— Está bom! então vá ali para as trincheiras,
de frente de mim.... ahi! — Depressa.... agorre-se
bem aos cabos.... coragem e silencio.

Metti as cartas no bolso, abotei o meu paletó
e dirigi-me logo para o lugar indicado; seguran-
do-me aos cabos.

E era tempo!.... De repente uma lufada ter-
rível fez encrespas desmedidamente as ondas do
mar, e, apunhando o navio de travéz, fê-lo tou-
bar bruscamente, como querendo mergulha-lo nas
profundezas do abismo: eu senti-me horrível in-
stabilmente por uma densa nuvem de espuma sel-
gada.

Mas o *Relampago* endireitou-se immediatamente
orgulhoso e altivo; semelhante á um desses
nobres cavalheiros dos tempos passados, quando,
quasi desmontado na liza, se ergue soberbo para
um novo combate.

Ouviu-se, logo em seguida, um surdo e mudo-
nho ruído passar rapidamente por cima de nossas
cabeças e as velas e cabos fizeram estremecer to-
da a mastreação; porém subitoamente, o porta-
vos do commandante, mui perocido á voz de al-
gum pavoroso monstro marinho, surgido das
profundezas do mar, dominou por um momento
toda essa confusão infernal, que se chama tem-
pestade.... a luta dos elementos desconhecidos
dos.... a guerra da natureza!....

— Largar as âncoras e adrição! carrega!.... car-
rega o gibo e a bujeira!.... contra! contra to-
do!... ouves timoneiro?!

E os marinheiros com esse obediencia passiva,
que é o seu mais bello apogio, porque á filia
de disciplina, apressavam-se em cumprir as or-
dens do chefe. A tempestade rugia medonha e
agitava violentamente as vagas, que, encapella-
das e furiosas, erguiam-se prodigiosamente sobre
esse leito de espuma que o *Seabro* lhes dá para
sua perpetua morada! E o fragil brigas, sem-
melhante á uma corça de noc, era elevava-se até
as alturas do céu, ora parecia sepultar-se nas en-
tranchas do mar!....

De subito, julguei ver que um negro e gran-
dioso phantasma se me aproximava volutmente

da prda. O commandante debruçou-se quasi todo
sobre as trincheiras.

— Orça! orça!.... exclamou elle com uma
energia terrível. — Cansa a vela á ré!....

Mas, ora já tarde para a pobre embarcação, que
a força do vento nos trazia ao encontro, e não se
pôde evitar que o brigas lhe passasse por cima.

Sentiu-se no *Relampago* um choque violento e
terrível, e um grito de suprema afflicção surgiu
d'entre as vagas do mar.

— Cabos! cabos ao mar! gritou o comman-
dante com a sua voz de trovão.

Houve um instante de muda agonia. Depois
trous de novo a baxia.

— *Seabro* immediato; he avarias na prda?

— Poucas, commandante. — O pica-peito par-
tido e alguma coisa do boque.

— Bom! que embarcação era?

— Uma barcaça.

— E a gente?

— Tres: salvaram-se duas.

— Está bom! cuidemos agora dos nossos. Eis,
repazes; coragem! disse elle dirigindo-se aos
seus marinheiros. E tornou a levar o porta-vo-
s.

Cinco ou seis dias depois, bordejavamos á todo
o panno em frente de barra da cidade do Rio-
de-Janeiro.

XXI

Apenas desembarquei, dirigi-me logo á casa de
meu tio; mas depois de ter proencheido os meus
deveres para com elle e haver-lhe dado conta dos
encargos que me commettera, tratei immediata-
mente de fazer uma visita ao Sr. D. Luiz de Alen-
denza; e meu pensamento, e meu unico desejo
era ver Laura, e isto o mais breve possível.

Que se teria passado durante essas cinco me-
sas de ausencia? encontrava-la-hia eu sempre a
mesmo, sempre amando-me com o mesmo ardor,
com a mesma sinceridade?.... Ignorava-o; e no
entanto foi com o mais vivo prazer, com o
mais inextinguivel alegria que tornei a encon-
tra-la. Parecia-me com vnos mais bella.... mil
vezes mais pura; e eu reconheci que a minha

com mais fogo, com mais paixão ainda do que
quando della me apartára temporariamente.

Vinte vezes entre para lançar-me loucamente
á seus pés; vinte vezes quiz levantar-me e os
tratos-la amorosamente em meus braços; tirei,
perdi, de conter esses transportes de amor; de
sestrar e abafar os suspiros, que involuntaria-
mente se me escapavam do peito; ella não estava
só: D. Luiz, D. Josephina e algumas pessoas ex-
tranhas a acompanhavam.

Ah! não sei que haja posição mais dolorosa e
cruel, do que a de um pobre namorado, que se
vê obrigado a fallar de coisas indifferentes, tra-
tar de banalidades diante d'aquelle que ama;
quando sente a alma transbordar-lhe de gozo,
quando tanta necessidade tem de expandir o seu
coração em ineffaveis cantos de amor e saciar as
saudades da ausencia nos labios deliciosos e rub-
ros da mais travessa e engraçada moçama!.... É
um implacavel tormento.... é um verdadeiro
martirio!

E então, se á isto se lhe junta o ciame..... o
ciame de alguma sorte provavel..... oh! esse
martirio torna-se n'uma tortura real..... uma
cama de rosas igual á do Gualtemez; e deso-
jaramos antes soffrir todos os supplicios do in-
ferno, do que sentirmo-nos stannar assim á
fuga lenta; sem podermos fallar, sem termos a
faculdade de soltar um quixote e..... o que
é mais, obrigados a responder sempre e com o
serviço nos labios á essas insulsas trivialidades.
É que, em bda sociedade, se chama coarctar
apurada.

E assim, á por mais dessas tyrannicas imposi-
ções de uma fril politica, que o espirito o mais
branco, e snectar o mais expontivo a leal, apren-
do, pouco á pouco, a ser refinado e hypocrito,
e estuda a mentira, procurando a melhor fórma
de enganar os seus semelhantes.

XXII

Fazia um luar magnifico e eu caminhava pen-
sativo e silencioso pela estrada que do Rio-
de-Janeiro conduz á Apiaecoa.

Laura parecia ter-se conservado nos mesmos
sentimentos para comigo; mas não sei que vago
presentimento, que exsultante receio agita-

ram-me então
implacavel la-
entre as roci-
prazer.

Adiante, poucos passos distante de mim, uma
voz clara e distincta, uma voz masculina, gar-
ganteava as seguintes coplas com um modo
faceto:

Que olhos, meu Deus! que olhos
Tão formosos ella tem!
Olhos ami poderosos,
Não os vi eu em ninguém.

Que olhos, meu Deus! que olhos
Que olhos tão felicitosos!
São como negros brilhantes,
Esses olhos tão fagueiros.

São estrelas fulgurantes
Em noite escura e sombria;
São olhos de moreninho,
Olhos todos de magia.

São olhos lindos, travessos,
E por demais portuguezos;
São olhos que vencem, matam,
Esses olhos langorosos.

Que olhos, meu Deus! que olhos!
Que olhos formosos tem!
Olhos ami poderosos,
Não os vi eu em ninguém.

Quando o amor se emboba
Em sons fague e meiguice,
A minha alma s'encobre,
Como se Deus me sorrisse.

Seu mais feliz de que um rei,
Se é que eu não sou feliz;
Creio estar junto á mais linda
Das mais formosas Parisias. (*)

Julgo este mundo pequeno
Para ser dello o senhor;
Desejo antes morrer
Entre mil trôas de amor.

(*) Parisias, divindades indias; todas bôas,
gentes bonifazias; verdadeiros typos de bellezas
e de bondade.



Não os vi eu em ninguém.

Quando se mostra arruado
Meu coração estremece;
Seus olhos expõem raios
O furor os embellece.

Faz um boicinho agouada,
Frazes as lindas subrebelias;
Seus olhos fazeis: lume,
Lançam de fogo centelhas.

Como são lindos, então,
Esses olhos tão fagueiros,
Esses olhos meigos, puros,
Da minha alma os luzeiros.

Que olhos, meu Deus! que olhos!
Que olhos formosos tem!
Olhos ami poderosos,
Não os vi eu em ninguém.

São olhos negros e bellos,
Ropassados de doçura;
São olhos castos e puros,
Os q'eu amo com ternura.

São olhos amos da virgem
Nem lindo sajo de guarda,
São olhos que sempre lembr
Em minha pobre manobra.

São olhos que me dão vida,
Os olhos que ella tem;
São olhos que de amores
Me fazem morrer lambuz.

Que olhos, meu Deus! que olhos!
Que olhos que ella tem!
Olhos ami langorosos
Jamais os tero algum.

(Continuar-se-á.)

A CARAPUÇA DE NEUTIO

ou
RECORDAÇÕES DE UM HOMEM VELHO.ou
VOU MALE.—
XXIII

(Continuação.)

Estendemos ambos os nossos olhares de folto, dentro do cope de um dolio, principiamos a riscar um espaço entre a maior parte dos pontos da calza; e visto, porém, os espargos immoderadamente.

Vendo a inutilidade das nossas cautelas e que o seu sentimento de phosphores já se achava quasi esgotado, Jorge propoz-se reanudar as chertias e convidou-me a fumar.

Peste que me cobria sub-rida no maior desatrito e trizão e me continha ainda agitar por alguns lampejos de colora, não pude resistir à tentação que se me offerecia a um dos meus passatempos mais predilectos.

E como não havia mais de ser? Não havia mais de ralar o estampo de João Nicol, como lhe chamavam primitivamente os Franceses, é certamente uma distração poderosa a magua, em tal modo considero os meus surtos e silêncios passados.

Menos poderos de que o opio em os seus effectos narcóticos; pensando, porém, os mesmos propósitos luctuosos, é indubitavelmente novo, mais

innocente, posto que menos phantastica em os seus vaporesos rios.

Quem he ahí, acostumado a fumar, que não ainda desvanecer-se gradualmente e ao luar ou «fiche» ao fruir as delicias emenções de um esculptor e aromatico charuto de Malano.... ou pelo menos não se veja adormecer suavemente e adormecer em breve no espaço da envolta com os afumaçados novellies, que se elevam nos vãos?!

Por mim e digo: foi isso o que me succedeu e é o que me succede uma immensidade de vezes.

Quando me vejo mais trizão; quando me acho mais desaperado, mais horrido da vida, e contemplo as vivencias e esprichos novos de fumo que, em vagarosas espiraes, se elevam magistralmente do charutão de meu comprido estalho de capoma do mar, ou me sinto um pouco mais aliviado; a minha imaginação vagante mais livremente no espaço; em cada novella de fumo julga deslizar alguma imagem blanda e phantastica, algum ser esculptor e diaphano, e actual acaba por adormecer, momentaneamente embalsado pelos vapores narcóticos.

Realmente, se não tivesse o rio do esquecimento, tão desolado no labia, em compensação todos os pontos do mundo porcosso passivo, nesse genero, um specimen favorito, um recurso consideravel para os passados mais effectivos da vida.

Assim, nos passados e aromaticos termalho, como a Nova-Granada e a archidutro de d'Almeida; outros, como a India, a China e o archidutro de Leventr, os seus furos e a sua pimenta de Bati.

A Sibéria, com o seu frio, também passa os seus furos; e Turquia, a India e a China, o seu opio; e toda a Africa, desde Haoussa até o Cabo de Boa-Esperança, e Panto, e India, e Turquia e a China, e outros até ao Indio de Bredil, tem o seu fumo e o seu charutão e phantastica luctuosos, de posturas e de

lucros e horripilantes historias de chela dos com valiosos.

O tabaco domina, porém, sobre quasi todo o imperio terrestre e raro é o povo que desconheça o seu uso e não deixe de procurar uma distração poderosa nos males da vida.

Tudo invado; entre grandes e pequenos, por todo o parlo elle se introduz. Desde a Europa até as costas de Abyssinia; desde a desaperada poia até o mais esculptor e poderoso de torro, todos os quasi todos os brios possuem uma distração, um prazer e um remédio.

Sem devida vão bom longe estas divagações; mas que lhe hei de fazer? Agora mesmo do alto da minha pobre e solitaria montanha e c'entre os ventos silenciosos de noite, contemplando este pequeno e turbulento cidade adormecida e desolada dos seus effluvios diurnos, ou deixo pellar os meus pensamentos sobre dadas novas de fumo e procuro reviver a recordação do passado, aspirando os surtos emenções que se exaltem do meu ichibut.

Que é feito dos meus companheiros de indolência? Que é feito desses velhos, mas verdadeiros amigos, que se reuniam no terrapço de minha pobre casinha e ali entre dadas novas de fumo se occupavam a maior as compridas horas, que lhes restavam das suas officinas, os agradáveis e chertias polatros? Que é desse mesmo Jorge, the inconsequente e the volubel, quando se tratava de bulle case; mas the verdadeiro e the ajuntado em todas as outras negociações da vida?!

Todos os quasi todos desaperaram-se da face do torro. Uns andam dispersos e errantes por países desconhecidos; outros, a maior parte, já se estendem e interveio sob as fies lauras de esculpturas sepulchras.

—
XXIV

Enfim os claros luctuosos, que finalmente re-
sultar das nossas chertias sobre o papel e depois de muito trabalho e esculptura-me a todo o mo-

mento com as repetidas e amedonadas fumaças, que nos viamos obrigados a aspirar para dechermos mais a letra cada palavra dadas importantes cartas, sobre a qual eu tanto desejava saber a opinião de Jorge, conseguimos lá-la do principio até o fim.

— Com os demonios! disse-me o meu compa-
nhero; tem em tua mão uma arma bastante perigosa para o commandador Felisiano! onde apasenta esta papel?

— Não o apashei; esculptura-me, ou estas, deram-me; porque já não é deste mundo aquelle que m'e entregou.

— Quem! o Mand Xico?!

— Esse mesmo.

— Pois elle morreu?!, quando? onde e como?

— Vinha lumbro de viagem á bordo do brigas de guerra *Alcampaço*, do qual desembarquei ha-
tem de manhã. Uma fatalidade ou talvez uma providencia fuz com que esculptura miseravelmente, pouco depois de dechermos a Bahia: morreu esculptura.

— Como?!!

— Sabes que elle apreciava bastante as habi-
das esculpturas?....

— Que devida! domo quasi todo o sertanejo é mais ou menos inclinado á isso.

— Pois e que é verdade é que o tal compa-
nhero de commandador malto os de guerra com suas povas de guerras de uma frequência de com-
mandante de *Alcampaço*; esculptura-me e esculptura-me, não satisfeito ainda, esculptura-me de tudo de guita para esculptura-me e esculptura-me.

— Deh! dechermos!

— Bemadé the *Alcampaço*, esculptura-me de tudo de guita para esculptura-me e esculptura-me, depois de ter servido á Jorge os *Alcampaço* in-
cluturas da minha viagem.

— E que foi esculptura-me, ha quasi dadas as

nas, com um tiro de pistola no lugar da Trompa?.... perfeitamente. E ainda me lembro mais das vagas suspensas que nesse tempo livrada de esculpturas; esculpturas com que o presente carta porcosso confirmar.

— Porcosso?!! disse que se prova e malto bem provado. Por esta carta e por algumas no-
tas esculpturas pelo sertanejo, que tambem trago nesta esculptura que lhe pertencem, vê se dis-
cussão que o esculptura que meos Miguel Filipe, foi um esculptura de commandador Felisiano, das dadas para as tres horas da manhã do dia 25 de novembro, por mandado de seu senhor.

— Não, o esculptura de navio, de que tanto se falia e as polmatoadas?!

— A historia do esculptura de navio foi, com de-
vida, uma habita para viver as suspensas; quanto ás polmatoadas, té mesmo esculptura de lár
uma carta do commandador, na qual diz ter
mandado meter o Miguel Filipe para se vijar
de uma polmatoadas que esculptura.

— Que tal?!.... e elle the franquicho e so-
cugado e possivel por aqui no proprio dia em que
por uma ordem se esculptura esse morto!

— E não não porcos, meu amigo; té não lumbro
lida de horridos e crimes dadas homens.

— Pois ainda houve mais alguma coisa?

— Não lumbro a carta que ali tem?!

— Ah! é verdade! esculptura-me os parcosso
em panto esculptura em certos lugares.

— E porque não lumbro, como eu, os parcosso
de sertanejo. Ouve-me e veja as brios esculptura
nas que ambos elles fuzem.

— Deh! dechermos!

.....

Com effeito o esculptura Miguel Filipe, esculptura-me
e rigoroso, tinha por esculptura, dadas
tempo, sobre á vender quasi todos os passados
ruas da cidade de Recife e arredados; esculptura-me, além dos esculpturas, de alguns esculpturas

com, esculpturas de chertias e esculpturas, como
malto bom dadas men the e the, dadas de *Alcampaço*.

Ora, uma noite esculptura-me esse pa. lugar de
Trompa com o commandador, esculptura-me a
de uma dadas turbulentas e esculpturas, esculpturas,
the esculpturas esculpturas: dadas.... dadas, esculpturas,
segundo me parcosso.

O commandador vinha esculptura-me esculptura-me
de a'um esculptura esculptura e os esculpturas esculptura
mais os esculpturas. Isto esculptura-me esculpturas
de esculpturas, que tanto interveio esculptura-me
por esculptura em por já esculptura-me esculptura-me
lida, não the quis o commandador esculptura-me.

O Miguel Filipe, bomadé the esculptura-me a lumbro
civil, mandou-o esculptura-me esculptura-me e esculptura-me
esculptura-me a um dos seus esculpturas esculptura-me
dadas dadas de brios; esculptura-me esculptura-me
esculptura-me malto bom com um esculptura-me esculptura-me
esculptura-me por terra.

Compro meter que esculptura-me esculptura-me o com-
mandador os esculpturas esculptura-me esculptura-me
esculptura-me da mente esculptura-me esculptura-me
mente depois de esculptura-me esculptura-me
esculptura-me quem the esculptura-me esculptura-me
esculptura-me esculptura-me esculptura-me esculptura-me
esculptura-me esculptura-me esculptura-me esculptura-me

.....

(Continuar-se ha.)
FIM, TTP. DE M. F. DE FALIA & FILIOS SBR.

... e assim, 17 de março de 1872.

— Suspendemos por algumas semanas a publicação do folhetim *a Carapuça de meu tio*; visto ter o seu autor de fazer uma pequena viagem ao interior da provincia. Esperamos porém continuar brevemente com essa publicação e talvez dar á luz alguns outros artigos mais desse nosso collaborador.